

Os primeiros supranumerários do Opus Dei



O convívio de 1948

www.opusdei.pt

Em 1947, Josemaria Escrivá pôde tornar realidade um aspeto da fundação do Opus Dei, há muito esperado: admitir membros casados ou com a intenção de constituir família. O impulso definitivo aconteceu em setembro de 1948, quando – depois de ter obtido reconhecimento da Santa Sé nesse sentido – se organizou um convívio¹ em que participaram quinze pessoas. Daí saíram os primeiros supranumerários. Este artigo centra-se no que aconteceu nesses dias, em que S. Josemaria explicou muitos detalhes da vida dos supranumerários. Conseguiram reconstituir-se em parte, graças aos registos e testemunhos de alguns participantes.

Palavras-chave: Josemaria Escrivá - Opus Dei - Supranumerários - Vocação para o casamento - Molinoviejo (Segóvia) - 1948

Tradução do artigo de Luis Cano, publicado no número 12 da revista “Studia et Documenta”

Ebook preparado pelo Gabinete de Informação do Opus Dei em Portugal –
www.opusdei.pt

Versão 2

Índice

[Introdução](#)

[A vocação para o Opus dei como supranumerário: o *iter* de um fenómeno inovador](#)

[Os participantes na primeira atividade para supranumerários](#)

[Os dias de Molinoviejo, vistos pelos participantes](#)

[Conclusões](#)

[Hermenegildo Altozano Moraleda \(1916-1981\)](#)

[Tomás Alvira Alvira \(1906-1992\)](#)

[Emiliano Amann Puente \(1919-1980\)](#)

[Juan Caldés Lizana \(1921-2008\)](#)

[Jesús Fontán Lobé \(1901-1980\)](#)

[Rafael Galbe Pueyo \(1919-2012\)](#)

[Víctor García Hoz \(1911-1998\)](#)

[Antonio Ivars Moreno \(1918-1997\)](#)

[Mariano Navarro Rubio \(1913-2001\)](#)

[Silverio Palafox Marqués \(1921-2015\)](#)

[Manuel Pérez Sánchez \(1905-2002\)](#)

[Manuel Sainz de los Terreros e Villacampa \(1907-1995\)](#)

[Ángel Santos Ruiz \(1912-2005\)](#)

[Carlos Verdú Moscardó \(1914-1991\)](#)

[Pedro Zarandona Antón \(1922-2009\)](#)

[Autor](#)

Índice de figuras

Figura 1 - Tomás Alvira e a sua futura mulher, Francisca Domínguez, quando ainda eram namorados.

Figura 2 - A família Alvira em 1957

Figura 3 - Emiliano Amann, com outros residentes de DYA (Madrid), no terraço da residência, em maio de 1936. Emiliano é o primeiro à direita.

Figura 4 - Durante uma tertúlia com S. Josemaria em Tajamar (Madrid), em 1972: em segundo plano, de óculos, aparece Juan Caldés.

Figura 5 - Víctor García Hoz, dando uma conferência no Colégio Peñarredonda (A Corunha), de Fomento

Figura 6 - Antonio Ivars, o segundo da esquerda, em Valência, em 1948

Figura 7 - S. Josemaria com Mariano Navarro Rubio e a mulher, María Dolores Serrés, por ocasião de uma viagem a Roma, em 1958.

Figura 8 - Silverio Palafox com vários amigos em 1944, na Residência Moncloa (Madrid): é o primeiro à direita.

Figura 9 - Manuel Sainz de los Terreros, durante a Guerra Civil Espanhola.

Figura 10 - Ángel Santos, à esquerda, com José Antonio Galarraga, em 1944.

Figura 11 - Pedro Zarandona, o primeiro da direita, durante uma visita do Bem-Aventurado Álvaro del Portillo a Torreciudad (Huesca), em 1978.

Introdução

Um dos marcos mais importantes na história da obra de S. Gabriel no Opus Dei, que acabaria por lhe dar o seu lançamento definitivo, foi a semana de formação e estudo que decorreu em Molinoviejo (Segóvia), de 25 de setembro a 1 de outubro de 1948. Participaram quinze pessoas, a quem o fundador explicou em profundidade o que significa ser supranumerário do Opus Dei.

O objetivo destas páginas é reconstruir a mensagem que o fundador lhes transmitiu naqueles dias, usando os documentos que temos disponíveis: fundamentalmente o diário escrito nesses dias e as memórias pessoais dos assistentes. Para tal, consultámos as fontes encontradas no Arquivo Geral da Prelatura do Opus Dei (AGP), que incluem notas, correspondência e relatos testemunhais de vários protagonistas deste artigo, escritos depois de 1975, para a causa da canonização de Escrivá. S. Josemaria falou-lhes em vinte e duas ocasiões, e embora não se conserve a transcrição completa da sua pregação, há alguns apontamentos dos participantes, especialmente de Amadeo de Fuenmayor e Tomás Alvira, que são contemporâneos, e que permitem saber, a traços largos, de que falou.

Antes de entrar no tema principal, referir-nos-emos aos antecedentes imediatos daqueles dias, especialmente ao trabalho do fundador para delinear a figura do supranumerário, do ponto de vista espiritual e jurídico. Passaremos depois ao desenrolar do convívio¹ em si e à pregação de S. Josemaria.

No final, em apêndice, incluímos um breve perfil dos assistentes. Para essas breves notas biográficas, usámos os mencionados relatos testemunhais e as

notícias necrológicas dos membros falecidos que se conservam no AGP, além de alguns dados do domínio público, excluindo outros arquivos públicos ou privados, cuja consulta excederia o propósito deste artigo.

A vocação para o Opus dei como supranumerário: o *iter* de um fenómeno inovador

Desde 1928, o fundador tinha falado com pessoas de todas as condições sobre a santificação no meio do mundo, mas tiveram de passar quase vinte anos até poder propor um caminho vocacional concreto, reconhecido pela Igreja, a pessoas casadas ou com a perspectiva de vir a constituir uma família. Isso foi possível graças à aprovação pontifícia de 1947², a partir da qual pessoas casadas se poderiam vincular *de facto* à Obra, procurando «viver o espírito e o apostolado da Instituição, sem se incorporarem a ela por um vínculo jurídico»³. Essa possibilidade representava um grande passo, pois já se reconhecia que os casados se podiam santificar no seu próprio estado, segundo o espírito do Opus Dei⁴, mas para S. Josemaria não chegava: esperava que, no futuro, a Sé Apostólica aprovasse que os supranumerários se podiam incorporar como membros de pleno direito, o que, de momento, não era possível.

Entretanto, os primeiros Supranumerários - Tomás Alvira Alvira, Víctor García Hoz e Mariano Navarro Rubio - começaram a formar-se e a viver segundo o espírito do Opus Dei. Numa nota circular, datada de 5 de novembro de 1947, enviada aos diretores dos centros da Obra que então existiam, pediam-se dados de outros possíveis candidatos. Sem dizer ainda nada aos interessados, pedia-se que rezassem por eles com a intensidade

que o assunto requeria, porque "como sabeis – lia-se na nota – trata-se de uma verdadeira vocação" ⁵.

Em dezembro de 1947, Escrivá estava a trabalhar para delinear em pormenor a figura dos supranumerários e o seu atendimento espiritual. Amadeo de Fuenmayor, que estava em Madrid, ajudou-o nessa tarefa, colaborando com o Conselho Geral da Obra ⁶. Numa carta desse mês, escrevia, entre outras coisas:

“Esses Supranumerários! Que esperança tenho! Amadeo: com tudo o que tendes vindo a trabalhar, podia fazer-se um anteprojeto do Diretório para os Supranumerários, o qual terá que ser, forçosamente, ainda muito rudimentar. E também os planos de formação para os Numerários, semelhantes aos que pedi antes - seis meses e um ano, por enquanto⁷. Convinha pensar na preparação do regulamento, com base no aprovado pela S. Congregação, que está impresso, de forma a cumprir já os requisitos legais civis, quando eu voltar. E também era bom que fosses preparando três ou quatro palestras para ires a Valência, Saragoça, Bilbao, etc., para começar os núcleos de lá. É evidente que, uma vez iniciado o trabalho, não se abandona. E onde começa, deve haver um Numerário como diretor, com um Secretário (falaremos disso, toma nota), Supranumerário, que se encarregue da parte material da Delegação” ⁸.

A tarefa de Amadeo de Fuenmayor, como se pode ver, era delinear a figura do supranumerário e dedicar-se a explicá-la aos membros da Obra que viviam nas várias cidades espanholas. Embora até esse momento se tivesse trabalhado principalmente com estudantes universitários e gente nova, já havia alguns conhecidos que poderiam reunir condições para serem supranumerários. Uma semana depois, respondeu enviando um esboço do

que o fundador lhe pedira. Escrivá respondeu-lhe em 18 de dezembro de 1947:

“Para Amadeo: li as notas sobre os Supranumerários. Parece-me que são pouco audazes ao anotar as obrigações: na próxima semana devolvo-te essas páginas, com algumas indicações concretas: de qualquer forma, adianto que não podemos perder de vista que não se trata da inscrição de uns senhores em determinada associação, mas da vocação sobrenatural à vida de perfeição e ao apostolado. É muita graça de Deus ser Supranumerário!” ⁹

Detenhamo-nos brevemente neste parágrafo. A palavra-chave que o fundador aqui sublinha é "vocação". Os supranumerários estão chamados «a uma vida de perfeição» (hoje diríamos, com uma terminologia mais atual, “à santidade”) e ao apostolado, como os outros leigos e os sacerdotes. Era necessária a precisão de Josemaria Escrivá: para a mentalidade da maioria dos supranumerários, que procediam da Ação Católica ou de outras associações piedosas, havia o perigo de pensar que a incorporação no Opus Dei fosse equivalente à inscrição num desses grupos. E era isso que o fundador queria evitar, como vimos, sublinhando: ser do Opus Dei é uma "vocação sobrenatural", não "a inscrição de uns senhores numa determinada associação".

A teologia e a doutrina canónica da época tendiam a identificar plenitude de entrega com vida religiosa ou com realidades equiparadas, reservadas portanto a pessoas celibatárias. Mas para S. Josemaria, era bem claro que no Opus Dei havia "uma só e única vocação"¹⁰. Sem entrar em comparações, o Opus Dei apresentava-se, neste sentido, como uma realidade inovadora, embora não faltassem por esses anos iniciativas na Igreja que procuravam revitalizar a vida dos leigos católicos e até facultar uma específica

espiritualidade matrimonial. Basta recordar o movimento dos Cursos de Cristandade, que teve um impulso definitivo entre os últimos dias de agosto de 1948 e os primeiros de 1949; ou também o movimento dos Focolares - fundado por Chiara Lubich e aprovado a nível diocesano em 1947 - ao qual, em 1948, se associou o deputado Iginio Giordani, pai de quatro filhos, primeiro *focolarino* casado e considerado cofundador do movimento; ou as Equipas de Nossa Senhora, que começaram em finais dos anos trinta por obra do Pe. Henri Caffarel, e que em 1947 publicaram a sua *Carta*, em que lançaram os fundamentos da sua espiritualidade conjugal ¹¹.

Retomando a sequência narrativa, no dia de Natal de 1947, S. Josemaria escreveu novamente para Madrid: «5/ Amadeo: voltai a estudar o projeto - anteprojecto - dos Supranumerários, carregando na Obediência (sem permissão verbal expressa, mas que fique escrito no arquivo pessoal correspondente – p.ex, –, não se poderá pertencer a nenhuma outra associação), etc.»¹².

Como vemos, o fundador queria salientar que a vocação no Opus Dei requeria uma doação completa e uma obediência real. Não explica aqui o porquê da exigência que ele menciona como exemplo, mas podemos pensar que queria evitar a dispersão de forças e talvez as rivalidades, ou também a possível confusão de acabar por considerar a Obra como mais outra associação, a que se podia dedicar uma parte do tempo juntamente com outras atividades piedosas, e não como uma verdadeira chamada de Deus que exigia entrega total. Por essa razão, era prudente solicitar a permissão que Escrivá de Balaguer mencionava.

No dia 1 de janeiro de 1948, escreveu aos três que, na época, já tinham pedido a admissão como supranumerários:

“Para Tomás, Víctor e Mariano. Que Jesus me guarde esses filhos! Meus queridos três: É impossível que agora vos escreva um a um: mas envio-vos a primeira carta, que sai das minhas mãos no ano 48. Rezo verdadeiramente por vós. Sois o germe de milhares e milhares de irmãos vossos, que virão mais cedo do que pensamos. Quanto e que bem se vai trabalhar pelo Reino de Jesus Cristo!” ¹³

Daí a poucos dias, o fundador ia finalmente vislumbrar uma solução para o problema que estamos a recordar. Aconteceu durante uma viagem a Milão, de 11 a 16 de janeiro, em que foi acompanhado por Álvaro del Portillo e Ignacio Sallent. Durante o regresso a Roma, S. Josemaria exclamou de repente «Cabem!»¹⁴. Era uma espécie de *eureka*! Porque tinha compreendido como propor à Santa Sé que os supranumerários “coubessem” no Opus Dei como membros de pleno direito. Assim que voltou a Roma, escreveu aos de Madrid: «Estou a trabalhar em tudo sobre os Supranumerários: haverá belas e grandes surpresas. Que bom é o Senhor! Esses três, Amadeo, que confiem o meu trabalho à Virgem Santíssima. Prometo-lhes uma grande alegria»¹⁵.

Qual era a solução que o tinha feito exclamar "Cabem!"?

Tratava-se de explicar que os supranumerários se dedicam parcialmente ao serviço do Instituto e usam como meios de santificação e de apostolado as suas próprias ocupações familiares e a sua profissão ou trabalhos; [...] vivem o mesmo espírito e, segundo as suas possibilidades, os mesmos costumes que os sócios Numerários, embora apenas se lhes possam confiar tarefas que sejam compatíveis com as obrigações na sua própria família natural e na sociedade civil¹⁶.

Por outras palavras, a diferença em relação aos numerários consistia na dedicação às tarefas internas do Opus Dei e no facto de o campo da

santificação habitual dos supranumerários incluir as “ocupações familiares de cada um”, além das profissionais ou sociais, comuns às dos numerários. Ou seja, a Obra apresentava-se a pessoas com o mesmo espírito e a mesma vocação, que simplesmente dedicavam tempos diferentes «ao serviço do Instituto»¹⁷.

Não era uma mera explicação engenhosa para passar um processo de aprovação. Na nossa opinião, o próprio fundador tinha recebido uma nova luz sobre um ponto essencial do próprio carisma: a unidade de vocação. A sua alegria foi muito grande perante esta descoberta, como escreveu aos de Madrid em 29 de janeiro de 1948: «Já vereis quando falar convosco no meu regresso. Só vos antecipo que um imenso panorama apostólico se abre para a Obra, tal como vi em 1928. E tudo dentro das normas canónicas mais estritas, coisa que até agora parecia impossível. Que alegria poder fazer tudo ao serviço da Igreja e das almas!»¹⁸.

A seguir, começou a preparar um estatuto que seria acrescentado às Constituições de 1947, para ser apresentado à Santa Sé, «a fim de que pudessem incorporar no Instituto, com vínculo jurídico, outros membros solteiros ou casados, de qualquer condição e profissão, além dos numerários. Na carta de petição, Mons. Escrivá sublinha que se trata de acolher uma realidade já prevista desde o início da Obra: “iam a prima ipsius Instituti delineatione”»¹⁹. Em 2 de fevereiro, o pedido foi entregue, e um mês e meio depois, em 18 de março de 1948, a Sagrada Congregação, com assinatura do secretário Mons. Luca Pasetto e a rubrica do subsecretário Arcadio Larraona, aprovou o estatuto apresentado²⁰.

Entretanto, S. Josemaria tinha continuado a trabalhar. Em 4 de fevereiro, escreveu para Madrid: «Vou aproveitar estes dias em Roma para trabalhar em tudo o que se refere aos Supranumerários: que amplo e profundo é o

caudal que se apresenta!... É preciso que sejamos santos, que formemos intelectualmente os nossos... cada vez melhor, e que tenhamos sacerdotes suficientes»²¹.

Nos meses seguintes, o fundador deu outros passos. Determinou que, durante o verão, se explicasse aos membros numerários tudo o que se referia aos supranumerários e cooperadores, e definiu também para o verão o início formal dessa nova fase²²: «Vamos preparar durante o verão o trabalho com os Supranumerários, e é certo que se vai conseguir tudo o que o Senhor quer dessas pessoas, desses filhos! Laus Deo»²³.

Entre outros preparativos, organizou-se um convívio para o qual se convidaram várias pessoas conhecidas a quem se queria propor a possibilidade de serem supranumerários, e aos seis que até então tinham respondido afirmativamente ²⁴.

Os participantes na primeira atividade para supranumerários

A proveniência geográfica das quinze pessoas que, no total, participaram nas jornadas de Molinoviejo era bastante variada. Entre os que viviam em Madrid, havia quatro cantábricos (Manuel Pérez Sánchez, Manuel Sainz dos Terreros, Ángel Santos Ruiz e Pedro Zarandona Antón); três aragoneses (Tomás Alvira Alvira, Rafael Galbe Pueyo e Mariano Navarro Rubio); um galego (Jesús Fontán Lobé); um castelhano (Víctor García Hoz); um andaluz (Hermenegildo Altozano Moraleda) e um maiorquino (Juan Caldés Lizana). Outros três vinham de Valência (Antonio Ivars Moreno, Carlos Verdú Moscardó e Silverio Palafox Marqués) e um de Bilbao (Emiliano Amann Puente). As profissões também eram diferentes: havia dois oficiais de Marinha e outros dois da carreira jurídico-militar; três advogados e um juiz; dois engenheiros civis, um pedagogo, um médico, um farmacêutico, um químico e um arquiteto. Vendo o seu percurso posterior, pode dizer-se que eram profissionais destacados nas suas áreas e que deixaram marca como cristãos entre familiares e amigos. Alguns dedicaram os seus esforços a lançar obras sociais de promoção humana. Como dissemos, incluímos no apêndice uma resenha biográfica de cada um.

A maioria tinha pertencido à Ação Católica ou a associações piedosas antes de conhecer o Opus Dei – como acontecia com tantos jovens católicos – tendo até ocupado cargos de direção. Cinco tinham convivido com S. Josemaria antes da Guerra Civil e tinham frequentado as atividades da Academia-Residência DYA. Entre eles, havia dois que tinham vivido alguns anos como numerários e que, com as difíceis circunstâncias da guerra,

tinham perdido o contacto. Dos três restantes, dois tinham frequentado Ferraz, um deles como residente, e um terceiro, Tomás Alvira, conhecera S. Josemaria em Madrid, durante a guerra.

Três outros jovens profissionais entraram em contacto com a Obra durante as viagens apostólicas do pós-guerra, por várias cidades, e chegaram a pedir para serem admitidos como numerários, percebendo logo a seguir que esse não era o seu caminho. Animados pelo fundador, esperaram alguns anos até que fosse possível uma nova maneira de viver a mesma vocação ao Opus Dei. Depois da guerra, também houve um grupo de conhecidos que tinham direção espiritual com S. Josemaria. Vários eram já casados ou o fundador tinha-os ajudado a discernir a sua vocação para o casamento. De todos os participantes, apenas três ainda não o conheciam pessoalmente.

Amadeo de Fuenmayor esteve presente e usaremos com frequência as suas anotações, escritas em forma de diário²⁵. Apresentando os participantes, escreve nas páginas desse diário: «Vieram todos os que tinham anunciado a sua presença. Já são homens feitos, na sua maioria, casados e um ou outro com 50 anos. Vários deles já formalizaram a sua admissão como supranumerários, e todos conhecem e amam a Obra, por terem conhecido o Padre [J. Escrivá] desde há muito tempo, assistido a círculos de estudos de S. Rafael, etc.»²⁶.

Anos depois, De Fuenmayor recorda, noutras memórias:

“com quanto detalhe o Padre providenciou tudo para que o Convívio desse os seus frutos: desde as coisas mais pequenas de ordem material, até uma quantidade de indicações práticas que deu aos que o acompanhámos naqueles dias sobre como se deviam explicar os temas ascéticos, afinal simples, uma vez que o Padre tinha reservado os mais importantes e delicados para tratar pessoalmente²⁷.”

Juntamente com Amadeo de Fuenmayor, estavam outros dois numerários: Odón Moles e Ignacio Orbegozo. Também estiveram presentes, pelo menos parcialmente, alguns dos mais antigos na Obra: os padres Álvaro del Portillo, Pedro Casciaro, que deu uma prática, e José Luis Múzquiz.

O fundador recebeu os assistentes e fez de anfitrião pela casa, que ainda estava em fase de instalação. Alguns quartos tinham beliches e não havia lençóis nem cobertores, cada um levou os seus.

O DESENVOLVER DO CONVÍVIO. A PREGAÇÃO DE S. JOSEMARIA

No horário, estavam previstas uma meditação e uma prática de manhã, um tempo de tertúlia depois do almoço, um espaço dedicado ao “catecismo” da Obra, ou seja, ao conhecimento do Direito particular e do espírito do Opus Dei, e um tempo de oração à tarde. Depois do lanche, havia outra sessão do “catecismo”, rezava-se o Terço e fazia-se um tempo de leitura espiritual. Depois do jantar e da tertúlia, o dia terminava com um breve comentário do Evangelho do dia e o exame de consciência.

No dia da chegada, à noite, S. Josemaria dirigiu-lhes uma prática preparatória, no oratório. Amadeo de Fuenmayor registou algumas ideias no diário:

Disse-lhes, ao terminar, que nos dias seguintes não lhes falará ao coração, como hoje, mas friamente, porque são homens de fé e devem considerar racionalmente as últimas consequências das verdades que lhes propõe. O Padre [J. Escrivá] disse-lhes: 1) Que vieram aqui por razões divinas, pois seria ilógico abandonar tantas coisas de carácter profissional, familiar, etc.; 2) Também são escolhidos pelo Senhor aqueles que se entregam a Ele no

mundo, na sua profissão e família: é "vocação divina", como diz o Papa; 3) Vieram aqui nestes dias para conviver com Deus, para O amar; 4) Um Caminho: a Santíssima Virgem, Nossa Senhora²⁸.

Os participantes permaneceram em silêncio só durante o primeiro dia, que decorreu em regime de reclusão; os outros dias foram de convívio, ou seja, alternando os meios de formação cristã com espaços de descanso, desporto, tertúlia, etc.

Domingo, 26 de setembro de 1948

No dia seguinte à chegada, S. Josemaria abordou o tema da vocação na sua pregação. Disse aos ouvintes que a «nossa missão na terra é expandir o reino de Deus; somos escolhidos desde a eternidade para esse fim»²⁹. Alvira acrescenta estas palavras: "Deus chamou-me desde a eternidade"³⁰. A consciência dessa vocação - sublinhava também Escrivá - não deve fomentar o orgulho, porque «o Senhor pôs os olhos nos seus servos mais miseráveis»³¹. "Que gratidão por este chamamento! - anota Alvira. Tantas almas boas e limpas e, contudo, chama-me a mim, que sou um trapo sujo"³².

O fundador começou a tratar de outro tema, muito relacionado com as reflexões que estava a fazer: a filiação divina. «Sempre, a consideração muito especial de que somos filhos de Deus. Como crianças, devemos tratá-Lo bem e amá-Lo e voltar para Ele depois das quedas, e contar sempre com o Seu amor paternal, a Sua compreensão. O "Abba Pater" de Jesus equivale à voz dos pequeninos que chamam pelo pai. Também nós o fazemos assim, com a segurança de que Ele nos ama extraordinariamente»³³.

"Devemos tratar Deus como Pai - acrescenta Alvira -, com a mesma naturalidade, com a mesma franqueza com que uma criança trata o seu pai"

Pelas anotações do diário, sabemos que Escrivá completou o horizonte que queria mostrar aos seus ouvintes falando da santidade no meio do mundo: «Intimar com Deus e conhecê-Lo, tudo o resto vem depois. Honras e riquezas, simples meios. Para ser feliz aqui na terra e depois no céu, uma solução: ser santo; e quanto mais santo, mais feliz»³⁵.

A segunda meditação do dia tratou do tema da morte: "Diz que vai fazer a sua oração em voz alta", observa Fuenmayor. A pregação do fundador foi direta e sem rodeios: «Como se apresentaria a minha alma ao Senhor se eu morresse agora? E que faria com as coisas que hoje me preocupam se soubesse que morreria já a seguir?»³⁶. Alvira anotou, entre outras coisas, o seguinte:

*“Todos nós temos de morrer. [...] Um velho bispo disse ao Padre [J. Escrivá] que todos os meses fazia uma meditação considerando-se a morrer, que recebia a Santa Unção, que os seus membros iam ficando frios... E então pensava nas suas inquietações, nos seus trabalhos, nas pessoas que não gostavam dele, etc. Um jovem operário sem fé conseguiu por fim a graça divina. Adoeceu e morreu pouco depois. O Padre, referindo-se a ele, dizia: Invejo-te, meu filho. [...] Mas a nossa alma está na presença de Deus sem mais nada senão as nossas boas obras, os nossos sacrifícios, as nossas boas intenções...”*³⁷.

Nesse dia, S. Josemaria teve duas sessões dedicadas a explicar realidades do espírito do Opus Dei, como as normas e os costumes, várias virtudes humanas... De Fuenmayor escreveu que foram palestras muito amenas porque ia «intercalando numerosos episódios com referências a muitos aspetos do espírito da Obra, para que cheguem a conhecê-la perfeitamente»³⁸.

O dia terminou com uma meditação de S. Josemaria sobre a fé, na qual foi comentando passos da Sagrada Escritura:

O Padre falou de como devemos ser homens de fé. Exemplos evangélicos: 1) O cego que, quando sabe que Jesus de Nazaré passa, larga tudo e vai à Sua procura. Também nós: é preciso quebrar com energia, não correntes - que felizmente não existem -, mas muitos fios de seda que atam e impedem de se entregar ao Senhor, pedindo-lhe, como o cego, "ut videam"³⁹, que vejamos esses fios ⁴⁰. 2) O homem com a mão paralisada. Também se aproxima de Jesus para Lhe pedir que o cure. E Cristo pede-lhe, por sua vez, que estenda a sua mão: a nossa cooperação, a nossa ação. E a mão ganha vida à palavra do Senhor: 'restituta' ⁴¹. 3) A mulher encurvada: só conseguia ver a lama e o lixo. Tantos assim, na terra. Mas à simples presença do Senhor, endireita-se e já pode ver o céu do sol e das estrelas⁴². Nós também queremos olhar para cima. 4) A figueira amaldiçoada. O Senhor, tão humano, estava com sede⁴³, e a figueira aparecia bonita, com folhas verdes, sugando a terra, mas sem frutos; e, embora "non erat tempus ficorum"⁴⁴, o Senhor amaldiçoa-a e, instantaneamente, seca ⁴⁵, porque é preciso dar sempre frutos. 5) A fé dos apóstolos nos anjos da guarda. S. Pedro é libertado de fortes correntes, e quando a criada volta a entrar para dizer aos Apóstolos que estavam reunidos, que Pedro está à porta, eles dizem "deve ser o seu anjo"⁴⁶. Na festa dos Santos Anjos da Guarda, teve lugar a fundação da Obra. Eles foram os "cúmplices" de tudo o que se tem feito⁴⁷.

Segunda-feira, 27 de setembro de 1948

No dia seguinte, o fundador pregou uma meditação sobre o reinado de Cristo. Usando o exemplo das bandeiras, talvez inspirado no tradicional

tema inaciano, referiu-se às diferentes atitudes que se percebem no mundo perante o domínio amoroso de Cristo:

O Padre, na oração da manhã, comentou a frase de Jesus: «Quem não está comigo está contra mim». Existem duas frentes claramente definidas. A visão de uma batalha com três exércitos: o das bandeiras vermelhas e negras⁴⁸, inimigos de Cristo, que continuam a gritar o "Crucifige eum"⁴⁹, que assola a Europa (Alemanha, Áustria, Hungria, Polónia); a dos católicos que não o são realmente e que carregam bandeiras cinzentas; e a dos verdadeiros cristãos, com bandeira branca e por estandarte a Cruz, que a querem tornar realidade para resolver a situação a que o Salmo 2 alude, o "volumus regnare Christum". Incomoda contemplar hoje o mapa-múndi; a redenção existe hoje⁵⁰; a invasão dos bárbaros que se avizinha é medonha⁵¹: mulheres, almas puras de crianças, património, tudo será brutalmente pisado se os católicos não souberem ser corredutores com Cristo no seu trabalho profissional, nos cargos oficiais e no seio da família⁵².

A descrição desse panorama serviu a Escrivá de Balaguer para fomentar a responsabilidade dos seus ouvintes, recordando-lhes que eram chamados a procurar pôr Cristo no cume das atividades humanas, mais ainda, a serem corredutores com Ele no meio das suas tarefas profissionais, sociais, familiares, etc. Fazia-lhes chegar o eco da experiência fundacional de 7 de agosto de 1931: «E compreendi que serão os homens e mulheres de Deus que levantarão a Cruz com as doutrinas de Cristo sobre o pináculo de toda a atividade humana ... E vi o Senhor triunfar, atraindo a Si todas as coisas⁵³.

As notas que Alvira tirou nesta meditação são mais explícitas acerca das consequências do absentismo católico na vida pública: “A redenção não acabou. O homem tem liberdade de ação. É preciso agir. Ir aos lugares mais

elevados, aos dirigentes, se não queremos que aconteça o que já acontece noutros países: com as mulheres, com as crianças, com os religiosos, com os bens”. E acrescenta uma história que o pregador contou: “Sacerdote idoso e sacerdote jovem encontram-se, e o velho pergunta: que tipo de vida fazes? O jovem responde: levanto-me tarde, deito-me cedo, trabalho pouco... O velho diz-lhe: Criminoso! Isso serás tu se te aburguesas, se não trabalhas, se não chegas aos lugares de responsabilidade por receio, pelo medo do cansaço, pelo que quer que seja...”⁵⁴.

A segunda meditação foi sobre a vida oculta do Senhor. O pregador começou a considerar como Jesus veio ao mundo: «Sem alardes, sem barulho nem estrondo». Depois, referiu-se aos «trinta anos de vida oculta, e só três de vida pública. A Obra tem como modelo os 30 anos de vida oculta [...]. Vida contemplativa, porque Deus está no nosso coração»⁵⁵. As notas registadas por Alvira acrescentam alguns detalhes: “Vida ativa ou contemplativa? A nossa, contemplativa. A nossa cela é o mundo inteiro. Cristo no centro da nossa alma. À conquista do mundo para Cristo. [...] A nossa vida é muito dura, de sacrifício e de adoração constante”⁵⁶.

Nessa tarde, S. Josemaria continuou a falar sobre sermos instrumentos do Senhor, que precisa de todos os tipos de ferramentas: «Fora, portanto, falsas humildades (eu não sirvo, não posso, etc.)», lê-se no diário. «Para uma operação cirúrgica, bisturis finos; para aplanar o caminho, um rolo compressor», acrescentou, para explicar a utilidade de cada coisa. E concluiu: «Fora a cobardia. O exemplo do Senhor procurando os apóstolos: os primeiros 12, na sua profissão, em que alguns depois continuam»⁵⁷. “Jesus chama-te no lugar que ocupas, no trabalho que fazes”, lê-se nos apontamentos de Alvira.

Escrivá ainda interveio mais uma vez nesse dia, noutra sessão dedicada a comentar alguns pontos do *Decretum laudis* de 1947, onde apresentou detalhadamente vários aspetos do espírito do Opus Dei. Tinham passado dois dias completos e Fuenmayor anota: "A alegria de todos e de cada um é imensa, incrível". E cita o comentário de um dos assistentes, Pedro Zarandona: "Eu nunca tinha ouvido o Padre, e saio impressionado depois de cada prática. E o mesmo me acontece ao participar na sua Missa»⁵⁸. O cronista quis deixar registado que não se deixava levar pelo entusiasmo: "Não há o menor exagero em tudo isto que escrevo. Parece incrível, mas é assim. O Senhor está-nos a mimar a todos com a Sua graça. E esta semana constitui mais um exemplo do Seu Amor pela Obra e da Sua ajuda evidente em todos os seus trabalhos»⁵⁹.

Terça-feira, 28 de setembro de 1948

Na terça-feira, 28, S. Josemaria pregou três meditações. Na primeira, comentou a cena do lava-pés aos Apóstolos, durante a Última Ceia: «Jesus tenta lavar os pés a Pedro, mas ele recusa, com falsa humildade. Mas quando o Senhor diz que assim não terá parte com Ele, reage com a sua característica impetuosidade: Senhor, então não só os pés, mas também as mãos e a cabeça. Assim a nossa entrega: total. Certamente que estamos carregados de misérias, mas o Senhor, com a Sua graça, ajudará de forma poderosa»⁶⁰.

E continuou a comentar as passagens da Paixão de Cristo: «Jesus, de tribunal em tribunal, silencioso. Perante isto, tantas línguas sujas - até de católicos oficiais -, tanta murmuração. O terrível momento da coroação de espinhos. Ele inclina-se. São as minhas misérias que se cravam. A nossa pouca caridade. Finalmente, na Cruz, sozinho, pregado como um malfeitor.

Recebendo a dor pelos seus sentidos externos e internos. Vamos procurá-Lo, para O descer e nos pregarmos nós na Cruz»⁶¹.

A segunda meditação foi sobre a oração mental. O fundador referiu-se aos temas que poderiam ser tratados em cada conversa pessoal com Deus, e deu alguns conselhos práticos para a fazer bem: «Preocupações, alegrias, desejos, esperanças, tudo, tratar de tudo com Deus. 15 minutos e, se possível, 30. Antes deixar a comunhão que a oração. Num sítio recolhido: pode ser a igreja ou em casa, muitas vezes melhor. Fórmula lógica e divina para começar: Meu Senhor e meu Deus (S. Tomé, ao meter a mão na chaga do Senhor), creio firmemente que estás aqui, etc.»⁶².

E continuou a ensinar quais deveriam ser as condições da oração: «Antes de mais, a oração tem de ser humilde: entre o publicano e o fariseu, nós devemos ser como aquele⁶³. Depois, simples, com a simplicidade das crianças, com que tantas lições de oração se podem aprender. Perseverante: Santa Teresinha valia-se de jaculatórias quando não conseguia fazer de outra maneira. Sejamos homens de oração, de vida interior»⁶⁴.

As anotações de Alvira neste ponto refletem melhor o tom vivo da pregação de Escrivá:

“Simplicidade na oração. Criança que dizia: Viva Jesus, viva Maria e viva a minha tia. Criança batendo à porta do pai com a mão, com o pé e com o corpo todo. E o pai sai com intenção de lhe ralhar, mas quando a vê, abraça-a. Assim nós na oração, com Jesus. Invoquemos Maria, José, o nosso Anjo, para que nos ajudem. Não devemos deixar a oração em dia nenhum. Um Chefe de Estado tem a sua guarda, e alguns consideram uma honra poder fazê-la, outros fazem-na a pensar na namorada. Nós temos de considerar uma honra este tempo de guarda, a oração, e estar o tempo exato, mesmo que durante a meia hora tenhamos olhado quarenta e duas

vezes para o relógio. Se tivemos vontade de fazer oração, ganhámos muito⁶⁵”.

A última meditação desse dia foi sobre a mortificação. Como era seu costume, S. Josemaria glosou vários textos bíblicos: «Se o grão de trigo cai na terra e não morre, fica infecundo; se morre, dá muito fruto⁶⁶. Portanto, precisamos da mortificação para ser fecundos»⁶⁷.

Continuou a falar sobre os vencimentos necessários para a santidade: «Pequenas mortificações. Oração da carne, dos sentidos. Se um anjo viesse dizer-nos que podíamos ser perfeitos sem mortificação, não seria um anjo de luz, mas de trevas»⁶⁸. E referiu S. Paulo, que contava as suas dificuldades para superar a debilidade do corpo⁶⁹, e que usou o exemplo do desporto para explicar o esforço que se há de empregar na vida cristã:

“Os desportistas a fazerem tantas coisas para ganhar um prémio. E nós? Correr [sic] para ganhar o troféu, diz o próprio S. Paulo: muitos são os que participam, e só um recebe o prémio⁷⁰. Mortificação, um meio para fazer muito felizes as pessoas que nos rodeiam (nossa grande obrigação). A Virgem Maria sabe muito de mortificação: procuremos tirar-lhe alguma das espadas que atravessam o seu coração para a cravar um pouco no nosso⁷¹”.

Nesse dia, o fundador continuou a explicar o Direito particular do Opus Dei, detendo-se «nas obrigações e privilégios dos supranumerários; a natureza e o alcance do seu vínculo com a Obra»⁷².

Quarta-feira, 29 de setembro de 1948

Na quarta-feira, 29, S. Josemaria continuou a tratar temas da vida cristã que eram habituais na sua pregação: caridade, meios para alcançar a santidade, coisas pequenas e direção espiritual. Na primeira meditação, comentou o *Mandatum novum*, explicando que as obras de caridade devem realizar-se sem chamar a atenção e sem procurar nenhum reconhecimento humano: «O preceito continua tão novo como quando o Senhor o anunciou, porque ninguém o usa. Caridade cristã, tão esquecida pelos católicos oficiais. Perante as esmolas com espetáculo (fundações com o desejo de perpetuar a memória do fundador), a boa obra de que ninguém se apercebe»⁷³.

Prosseguiu depois sugerindo uma maneira concreta de exercer a caridade: praticar a fraternidade entre os que fazem parte do Opus Dei. Pedia que essa manifestação de amor «seja verdadeiro carinho, amor de irmão, que o elogia pelas costas e o corrige cara a cara quando é necessário. O exemplo vivo de Cristo, que chora pelo seu amigo Lázaro; que, compadecido, ressuscita o filho da viúva. Caridade sem hipocrisia: com sacrifício e amor»⁷⁴. As anotações de Alvira, que se vão tornando mais breves com o passar dos dias, acrescentam: “Jesus não disse que os seus discípulos se conheceriam porque eram puros, ou humildes, mas porque se amariam uns aos outros. Cuidado com a língua. Pessoas que comungam todos os dias, mas depois se metem com a honra dos outros”⁷⁵.

No diário, lê-se que a segunda meditação desse dia tratou dos meios que se devem usar para alcançar qualquer objetivo e, concretamente, o da santidade:

Perante a meta, os homens – segundo a sua posição – formam três grupos: o dos insensatos que desprezam todos os meios (exemplo daquele que quer descer do terraço da Telefónica⁷⁶ sem elevador nem escada); outros que só aceitam os meios que são a seu gosto,

agradáveis à sua vontade; e finalmente, aqueles que, por se sentirem doentes, não recusam nenhum remédio. Esta última posição também é uma consequência lógica da entrega: se queremos servir com fidelidade, queremos usar os únicos meios adequados: oração, mortificação e trabalho. O contrário é uma cobardia, que nos pesaria ao longo de toda a vida. Que Nossa Senhora, a quem devemos pedi-la, nos adoce e torne agradáveis esses meios. Um propósito geral, amplo: Amor. E além disso, alguns propósitos concretos, diários⁷⁷.

À tarde, o fundador falou sobre a importância das coisas pequenas, concretamente no que se refere ao cuidado com o plano de vida espiritual, ou seja, aquelas práticas de piedade que pontuam o dia do membro do Opus Dei:

O cumprimento do plano de vida: a fidelidade nos detalhes. Perante a pobre viúva que deposita na caixa as moedas de cobre, diz o Senhor: Garanto-vos que esta viúva deu mais do que os outros. Perseverança, com humildade, entregando-nos à nossa mãe, como crianças, para que ela nos levante, pegue em nós. Porque neste cumprimento das nossas obrigações reside a própria santidade, porque os santos são de carne e osso, não de cartão. O exemplo de Isidoro [Zorzano]⁷⁸: santificou-se com o trabalho comum, com extraordinária humildade⁷⁹.

Na última meditação daquele dia, deteve-se na «confidência semanal e na direção que a Obra proporciona aos seus sócios através do Diretor e dos seus Sacerdotes»⁸⁰, isto é, em tudo o que é necessário para aproveitar com fruto o acompanhamento espiritual de que os fiéis do Opus Dei beneficiam, para avançar no caminho da santidade.

Quinta-feira, 30 de setembro de 1948

As últimas meditações de S. Josemaria foram na quinta-feira, 30 de setembro⁸¹. Na primeira, o fundador comentou a parábola da boa semente e do joio: «O bom semeador, que semeia trigo; e chegam os inimigos que, cobardemente, semeiam joio. Assim na terra, entre nós: quantos, cobardemente, – porque depois fogem – semeiam o joio! Tudo porque aqueles a quem o Senhor confiou o campo não o vigiaram: não sejamos "*homines dormientes*"»⁸².

Explicou que essa vigilância se devia também aplicar à vida pessoal, para detetar as subtilezas das tentações do demónio: «Não virá grosseiramente, com um bocado de carne crua, mas cozinhada, temperada... e em coisas pequenas: aqui temos de nos tornar fortes. Os meios são os já conhecidos: oração, mortificação e trabalho. Não ter medo da penitência, matéria em que se deve consultar o Diretor»⁸³. Partindo da parábola, falou também sobre a influência cristã que os membros do Opus Dei devem procurar ter no meio em que vivem e trabalham. Explicou algumas características que o apostolado pessoal no ambiente profissional deve ter: «No trabalho: prestígio; levantar a cabeça sobre os outros colegas, com humildade, e ajudá-los a discernir, sem sermos "pregadores" (não somos dominicanos). E com tudo isto, conseguir um sentido novo de todas as coisas, que nos encha de paz e de alegria, de *contentamento* (alegria com conteúdo)»⁸⁴.

Na tarde desse último dia, fez algumas reflexões sobre a história do Opus Dei e, especificamente sobre as perseguições sofridas, algumas delas em ambientes eclesiais. Agora, após a sua aprovação como Instituto de direito pontifício, a Igreja já o tinha abençoado e posto como exemplo. E concluía, assim acontece também na vida das pessoas: «doenças, mortes, contrariedades, problemas económicos, deslealdades profissionais,

tempestades... e depois o sol»⁸⁵. Referiu-se à pesca milagrosa de Jesus e, em relação à vocação para o Opus Dei, sublinhou:

*“E não se pense que esta entrega pode prejudicar minimamente a vida da família ou os interesses económicos familiares: quando Pedro se esforçava na pesca sem sucesso, Jesus indica-lhe o lugar certo e ele pesca então uma quantidade de peixes sem que a rede se rompa. Mesmo que o nosso trabalho no mundo aumente (casa, trabalho, etc.) a rede não se romperá”*⁸⁶.

Aqueles dias acabaram e a última meditação de S. Josemaria foi reservada para tratar o tema da perseverança. Quis pregá-la no final da tarde, para que no dia seguinte todos pudessem partir cedo de viagem. E disse-lhes, entre outras coisas:

“Muitos começam, mas poucos chegam ao cume. No nosso caso, são poucos os que começam, mas seguramente muitos chegarão. A graça de Deus não nos vai faltar.

*Nos Atos dos Apóstolos, lemos que os primeiros cristãos eram perseverantes na fé, no pão e na palavra*⁸⁷. *Tenacidade: neste ponto, sejamos teimosos, e se uma porta se fechar, outra se abrirá. Que sejamos desde agora filhos desta mãe boa e bonita que é a Obra, "cor unum et anima una"”*⁸⁸.

Os dias de Molinoviejo, vistos pelos participantes

Já registámos as impressões de Amadeo de Fuenmayor, o cronista daqueles dias, sobre a satisfação que reinava entre os participantes, à medida que o fundador ia revelando a seus olhos o panorama de uma entrega a Deus como supranumerários. Vejamos agora algumas impressões sobre vários aspetos desse convívio que ficaria gravado na memória de muitos deles.

O ambiente de família e a pregação de S. Josemaria

Um dos desafios formativos desta nova etapa da história do Opus Dei foi transmitir aos supranumerários o espírito de filiação e de fraternidade característicos da Obra, e que o fundador considerava essenciais. Até esse momento, havia só membros numerários, entre os quais estes aspetos estavam assumidos, em maior ou menor grau. Agora, era preciso ver como esses traços espirituais seriam vividos por pessoas que teriam menos ocasiões de convívio entre si, e que poderiam ver o fundador com menos frequência.

Entende-se portanto a satisfação que se reflete numa anotação de Fuenmayor: «Não quero deixar de registar o facto de que os três que conheceram o Padre nesta semana – Hermenegildo [Altozano], Juan C. [Caldés] e Pedro [Zarandona] – comentaram espontânea e separadamente o grande carinho que já têm por ele. É ótimo ver como todos estão animados por este espírito de filiação»⁸⁹. E noutro lugar, escreve: «É incrível ver como aqueles que há três dias nunca se tinham visto se tratam agora mais como velhos amigos, como verdadeiros irmãos, que se estimam entranhavelmente. Eles próprios o notam e o comentam cheios de admiração»⁹⁰.

Este clima devia-se em grande parte à presença e ao exemplo do fundador. A este propósito, recordava Alvira, anos depois:

“O Padre atendia a todos, animava-nos, punha esse toque de bom humor que lhe era tão habitual. Entrou profundamente em todos aquilo que o Padre nos disse, e criou-se um clima de grande amizade. Por isso, agora, depois dos anos que passaram, aquela amizade autêntica continua, e recorda-nos, quando nos vemos, aqueles dias passados com o Padre, recebendo formação e descobrindo novos caminhos para a nossa vida espiritual que tanto bem nos fizeram”⁹¹.

«Sempre com uma alegria transbordante, recordava-o Juan Caldés, [...] tinha um riso fácil e às vezes uma gargalhada cordial»⁹². Nos tempos livres, jogava-se futebol ou aproveitava-se a piscina, cantava-se ou ouvia-se música, e nas tertúlias a seguir ao almoço ou ao jantar, contavam-se recordações e histórias de cada um. «Conversávamos todos como uma família cujos membros se estimam verdadeiramente», lembra Ivars. A maioria era desconhecida para mim até então. No entanto, parecia-me ter vivido sempre com eles. A tertúlia era uma autêntica festa»⁹³.

Juan Caldés recorda assim a imagem do fundador:

“Desde o primeiro momento em que nos recebeu (na sala de estar, que fica antes do oratório), com frases amáveis ("esta é a vossa casa; bem-vindos a ela: é pobre, mas feita com carinho"), senti-me fortemente atraído por alguma coisa especial. Depois, ao longo dos dias, essa atração foi-se concretizando porque, em cada Missa, em cada meditação, sentia-se com ele a graça de Deus que parecia desprender-se da sua presença e derramar-se nas suas palavras”⁹⁴.

Não foi uma impressão isolada. Outros participantes recordavam, passados anos, a pregação de S. Josemaria: «O tema habitual era comentar uma passagem do Evangelho, anota Antonio Ivars. Não era possível a menor distração. Parecia dirigir-se a cada um. Falava no singular. Não costumava dizer "vós", mas sim "tu", ou "tu e eu"» ⁹⁵.

O horizonte da vocação

S. Josemaria contava com a experiência das semanas de formação que já se faziam com os membros numerários desde há uns anos⁹⁶. Mas este convívio requeria não poucas adaptações, e um entendimento prévio das características de um supranumerário que ninguém como o fundador poderia ter. A julgar pelos depoimentos dos presentes, a mensagem chegou alto e bom som. Ángel Santos, por exemplo, guardou na memória as ideias que tirou daqueles dias. Lendo-as hoje, mostram-se-nos como um bom resumo dos traços essenciais de um supranumerário:

“Santificar o nosso trabalho habitual, buscando assim a plenitude da vida cristã; santificar o mundo a partir de dentro com os meios da nossa vida interior e do cumprimento dos nossos deveres comuns de cristãos; ser contemplativos, com naturalidade, no meio das nossas tarefas quotidianas; fazer um apostolado de confiança que abarque a nossa existência e eleve a amizade aos cumes da caridade; ser semeadores de paz e fazer das nossas casas lares luminosos e alegres. E tudo isto com autêntica responsabilidade individual - sem aspirações representativas, sem tendências clericais -, característica de um laicado maduro. Alheios a uma vocação religiosa, mas ao serviço da Igreja. Para isso, contaríamos desde então com uma adequada formação doutrinal, direção espiritual, calor fraterno e impulso para iniciativas pessoais⁹⁷”.

Para alguns, esta abordagem representou uma novidade. Todos conheciam as ideias do fundador há mais ou menos tempo, mesmo que não tivessem convivido com ele pessoalmente, mas talvez nenhum tivesse tido até então uma visão tão completa e acabada do que a vida de um supranumerário abrangia.

Como dissemos, os assistentes tinham a experiência de uma fé vivida e praticada intensamente desde há anos, e vários tinham participado ativamente no apostolado dos leigos. Contudo, é significativo o que Mariano Navarro Rubio escrevia, referindo-se especialmente àqueles dias em Molinoviejo:

“Sobre a minha mentalidade da altura, formada desde muito jovem na Ação Católica, caíram algumas ideias que me pareciam novidades agressivas, para a maneira de entender a religião que eu tinha nessa época. O Padre falava constantemente de santificar o trabalho corrente, com uma insistência que assinalava, sem dúvida, um ponto-chave; do apostolado "ad fides" - de amizade com protestantes e judeus -, que soava então um pouco estranho, e de uma ascética sorridente, juntamente com essa outra ideia maravilhosa da vida contemplativa no meio do mundo. Tudo isto me parecia um renascimento religioso, um sonho cheio de vida. De repente, via-se o mesmo de antes, mas com uma cor diferente. Surgia uma visão simultaneamente otimista e exigente, que falava de uma vocação de santidade para os leigos, quando em todo o lado éramos considerados uma espécie de católicos de segunda classe. A vida matrimonial, sobretudo, aparecia agora com uma riqueza religiosa desconhecida até então para mim e creio que para todos” ⁹⁸.

O sim à vocação

Ficou bem claro para eles, segundo os testemunhos que possuímos, que o Opus Dei não era uma associação circunstancial. Era uma realidade diferente, que eles entenderam bem ao receber as explicações do fundador. Antonio Ivars escrevia:

“A Obra era muito jovem e estava a difundir-se rapidamente. [...] Um reposteiro lembrava que "as águas passarão" e numa pequena fonte situada num dos corredores, podia ler-se: «inter medium montium pertransibunt aquae»⁹⁹. A Obra queria ser uma injeção intravenosa na corrente circulatória da sociedade. Todo o quid estava no "unum necessarium": a santidade pessoal, fazendo cada um o que lhe compete, no seu sítio, com perfeição, para a glória de Deus, esquecendo-se de si mesmo, e sem ruído”¹⁰⁰.

Juan Caldés escreveu, transcrevendo palavras de Escrivá de Balaguer: «"Vereis coisas maravilhosas". Mas sempre, sempre como um “presente de Deus”, como uma prova de amor da Providência»¹⁰¹. «Nos seus comentários – anotava Carlos Verdú – falava-nos com tanta fé de coisas, acontecimentos e do desenvolvimento futuro da Obra [...]! O Padre afirmava-as de tal forma que dava a impressão de que as via já feitas realidade»¹⁰².

“Aquela semana - acrescenta Ivars - foi decisiva para todos. Tudo estava bem claro e tudo era simples. Além disso, também era lógico e sensato. Continuaríamos a ser os mesmos, fazendo as mesmas coisas, mas focando-nos sempre numa meta: a santidade pessoal. [...] Ouvimos esta frase luminosa: «Vivereis um belo romance de aventuras e de amor». E ao longo dos anos, muitos anos, temos verificado que isto é verdade”¹⁰³.

Nos últimos dois dias - recorda Ángel Santos - «o Padre passeou individualmente com cada um de nós, na margem do riacho da quinta. A minha conversa foi, essencialmente, de agradecimento pelo maravilhoso presente que me dava, ao poder pertencer à Obra e dedicar a minha vida a Deus, dentro do meu estado civil de cidadão e de cristão corrente»¹⁰⁴.

Manuel Pérez Sánchez recorda também aquela conversa em que S. Josemaria lhe disse, entre outras coisas: «Com toda a liberdade, contai as vossas disposições, eu não vos vou pressionar nunca em nada. Se não estiveres disposto, di-lo com toda a franqueza, não o faças por mim. Quer estejas disposto quer não a ser supranumerário, eu sempre te vou estimar da mesma maneira»¹⁰⁵.

Silverio Palafox, o médico de Valência, evocava aquela conversa pessoal com o fundador:

“Pegava-me pelo braço, com força e suavidade ao mesmo tempo. Fiquei literalmente pasmado com as coisas que ele sabia, não apenas sobre mim, mas também sobre questões "mais delicadas", que me intrigavam muito e que quase todos ignoravam de facto, ou as deformavam, ou então receavam abordá-las: primeira origem da vida, evolucionismo, fundamentos biológicos da sexualidade e do pensamento, higienização, medicina naturista... Duas coisas permaneceram indeléveis na minha memória: uma: «agradece a Deus esta vocação que te deu, como prémio pelo que ajudaste o teu irmão para que ele pudesse seguir a sua». E a outra: "É uma grande alegria que, com muita misericórdia, prudência e formação, incluas a doutrina certa em todas as questões que estão nas mãos de marxistas, maçons, materialistas...” E exemplificou magistralmente com o melhor dos sentidos de humor: «Porque também me trará muita alegria o dia em

que tiver um filho toureiro; mas não posso dizer a nenhum que se ponha a tourear para me gabar de que há toureiros na Obra... Cada um no seu lugar»”¹⁰⁶.

Também Pedro Zarandona tinha esses instantes gravados, «enquanto caminhava pela margem do pequeno rio que atravessa a quinta, muito próximo do antigo pinhal. Em conversa íntima e simples, às vezes segurava-me pelo braço num gesto de confiança, e falava comigo, com palavras cheias de fé e de amor a Deus, sobre a grandeza da vocação de entrega no meio do mundo, santificando o trabalho e as coisas habituais de cada dia. Aquelas palavras confirmaram-me na decisão que, poucos meses antes tinha tomado de solicitar a admissão na Obra» ¹⁰⁷.

O diário daqueles dias conclui assim: «Esta primeira semana acabou e fica na nossa memória como um sonho, um sonho real. O Senhor descobriu-nos novos horizontes, que nos enchem de alegria e de contentamento. E cada um volta à sua casa e ao seu trabalho para continuar a mesma vida, mas com fins claros, luzes divinas e uma vocação de santidade»¹⁰⁸.

Conclusões

Perante os documentos e os testemunhos que examinámos, podemos tirar algumas conclusões. Em primeiro lugar, o fundador conseguiu transmitir aos participantes a ideia fundamental daquilo que o supranumerário representa no Opus Dei: que se tratava de um fenómeno vocacional para se santificar no mundo. Dizer isto em 1948 surpreendia, mesmo aqueles que conheciam S. Josemaria do passado e estavam familiarizados com o espírito do Opus Dei. Todos sabiam que o estado matrimonial não era incompatível com uma intensa vida cristã, mas formulá-lo ao nível de vocação, com tudo o que esse termo implicava, na altura e agora, era uma coisa bem diferente.

A alegria e a surpresa que essa descoberta causou no grupo foram grandes. Eram pessoas que desejavam entregar-se a Deus, e vários deles já o tinham tentado ou tinham posto antes essa questão, pensando em ser sacerdotes ou numerários, para depois perceberem que isso não era para eles. Agora, finalmente, encontravam o seu caminho vocacional.

Pelo que sabemos, a sua mensagem àquele grupo de homens casados ou na perspectiva de constituir família não difere do que vinha dizendo a grupos de homens e de mulheres que queriam viver essa vocação no celibato. A primazia da vida contemplativa, a santificação das realidades do mundo e do trabalho, a intervenção responsável nas questões temporais, servindo a Deus e à sociedade a partir do seu sítio, com o desejo de difundir o mais possível o espírito cristão, sem medo de ocupar posições de prestígio ou de relevância se Deus aí os chamar. Todos estes são temas que ele sempre pregou. Não há, por assim dizer, uma mensagem específica para os supranumerários.

As notas biográficas dos participantes, como se pode ver no anexo, mostram um grupo bastante heterogéneo pela sua formação civil, proveniência geográfica ou conhecimento prévio da Obra. Ao mesmo tempo, notam-se alguns traços comuns: todos tinham formação universitária ou, no caso de dois deles, eram oficiais de Marinha. Eram profissionais de valor e vários chegariam até a ser personalidades proeminentes no panorama científico, político, cultural e económico de Espanha. Nalguns, também se desenvolveria a preocupação por se envolverem em iniciativas de impacto social. Quanto às suas filiações ou ideologias, não se diz quais eram nos documentos de arquivo que consultámos, e isso deve-se em grande parte ao facto de, no Opus Dei, se evitar pedir as opiniões uns dos outros nesses campos, para respeitar a liberdade de cada um. Sobre alguns, como Fontán, sabemos que foi muito próximo de Francisco Franco, enquanto Navarro Rubio viria a ser ministro do regime, embora geralmente seja apresentado como um católico tecnocrata, e de Altozano conhecemos a sua filiação monárquica. Dos restantes, podemos supor que havia a relativa homogeneidade que existia entre os católicos espanhóis da época, que tinham vivido a Guerra Civil e apoiado o lado nacional.

Tinham passado vinte anos desde o dia 2 de outubro de 1928, e o fundador tinha já amadurecido uma visão praticamente definitiva dos supranumerários, à luz do carisma fundacional e das experiências daqueles anos. E foi essa visão que, em boa parte, lhes comunicou naqueles dias e que ficaria plasmada, alguns meses depois, na *Instrução para a obra de S. Gabriel*¹⁰⁹. A partir desse momento, esta parte do Opus Dei iria definitivamente descolar: dos 2404 membros do sexo masculino e das 550 mulheres do Opus Dei no início dos anos 50, os supranumerários eram já então 519 homens e 163 mulheres¹¹⁰.

Apêndice. Breve resenha biográfica dos participantes

(POR ORDEM ALFABÉTICA)^{NT}

Para compor estas breves notas biográficas, centrámo-nos na documentação disponível no AGP: usaram-se os relatos testemunhais que vários protagonistas escreveram por ocasião da causa da canonização de S. Josemaria e breves notas necrológicas não assinadas, escritas na altura do falecimento dos interessados. Devido ao objetivo e aos limites deste artigo, não se pesquisou outra documentação primária em arquivos públicos ou privados, limitando-nos ao uso de bibliografia e dados do domínio público, obtidos de diversas publicações e sites da internet.

(N.T. A ordem alfabética usada pelo autor é a habitual em Espanha: a do primeiro apelido, que é o paterno no país)

Hermenegildo Altozano Moraleda (1916-1981)

Nasceu em Baños de la Encina (Jaén) em 23 de dezembro de 1916. Começou a sua formação em Direito com apenas quinze anos, em 1931, na Universidade de Granada. Nos anos da Segunda República, foi presidente da Associação de Estudantes Católicos de Direito, Filosofia e Letras na sua universidade. No fim do Curso, ainda muito novo, ganhou o concurso para ingressar no corpo jurídico da Marinha. Tomaria posse do cargo no fim da Guerra Civil Espanhola. Mais tarde, foi nomeado professor na Escola Naval de Marín. Na Marinha, alcançou a graduação de general auditor.

De 1949 a 1955, foi secretário-geral do Governo nos territórios da colónia espanhola que hoje é a República da Guiné Equatorial, em tempos nada fáceis. Como escreveu Antonio Fontán, Altozano "foi, ao mesmo tempo que um jurista e militar de prestígio, um político independente e nada

convencional"¹¹¹. Era monárquico e fez parte do conselho do Conde de Barcelona. Entre 1959 e 1962, foi governador civil de Sevilha¹¹². Quando abandonou a política, foi diretor do *Banco Hipotecario* de Espanha. Era conhecido como "um homem profundamente humano, que conquistou o respeito e a simpatia geral nas diversas funções públicas que desempenhou"¹¹³.

Conheceu S. Josemaria em Molinoviejo, na ocasião a que este artigo se reporta. Nas memórias daqueles que o conheceram no Opus Dei, ele é descrito como um homem de trato amável e delicado, sorridente e equilibrado, com muitos amigos, que procurava aproximar de Deus. Ele e a mulher tiveram oito filhos.

Faleceu em Jerez de la Frontera (Cádiz), em 12 de setembro de 1981, de cancro.

Tomás Alvira Alvira (1906-1992)

Nasceu em Villanueva de Gállego (Saragoça), em 17 de janeiro de 1906. Sobre a sua vida, já existem alguns perfis¹¹⁴. Fez o curso de Química na Universidade de Saragoça. A sua vida profissional iria estar sempre ligada ao ensino secundário. Passou por vários centros, nalguns como diretor. No final da Guerra Civil espanhola, começou a lecionar no Instituto Ramiro de Maeztu, em Madrid, onde ficou efetivo, por concurso, em 1941. O "Ramiro", como é conhecido coloquialmente em Madrid, era um centro de excelência, onde Alvira integrou um prestigioso grupo de professores¹¹⁵.

Foi também diretor do Colégio de Órfãos da Guarda Civil. Participou na criação de *Fomento de Centros de Ensino*, uma sociedade promotora de muitos colégios espanhóis de inspiração cristã, que começou em 1963, onde

também encontraremos Víctor García Hoz e Ángel Santos. De 1973 a 1976, foi subdiretor do Centro Experimental do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Complutense, e posteriormente, diretor da Escola Universitária de Fomento de Centros de Ensino.

O seu contacto com o fundador do Opus Dei ocorreu em Madrid, em plena Guerra Civil espanhola, em 31 de agosto de 1937. Poucos dias depois, Alvira recebeu um convite surpreendente naquelas circunstâncias: fazer uns exercícios espirituais de três dias, pregados pelo fundador do Opus Dei, com outras quatro pessoas. Isto supunha correr um grave risco, devido ao ambiente de perseguição religiosa, pelo que tinham que se reunir em casas diferentes para terem as várias meditações sem levantar suspeitas¹¹⁶. Quando S. Josemaria decidiu passar para a zona nacional, a fim de poder desempenhar com liberdade o seu ministério sacerdotal, juntou-se ao grupo dos fugitivos.



Figura 1 - Tomás Alvira e a sua futura mulher, Francisca Domínguez, quando ainda eram namorados.

Alvira casou com Francisca Domínguez (Paquita), pouco depois de a guerra acabar, em junho de 1939. E continuou a visitar S. Josemaria nos anos seguintes. Em 1947, pediu para ser admitido como supranumerário. A sua mulher seria também uma das primeiras supranumerárias. O casal teve nove filhos.

Faleceu em 7 de maio de 1992. Está aberto o processo de beatificação dele e da mulher.



Figura 2 - A família Alvira em 1957

Emiliano Amann Puente (1919-1980)

Nasceu em Bilbao em 1919. O pai era um arquiteto famoso, Calixto Emiliano Amann Amann (1882-1942)¹¹⁷. Depois de terminar o ensino secundário, com apenas 15 anos, foi viver em Madrid, para preparar a entrada na Escola de Arquitetura, e encontrou alojamento em DYA, uma residência que tinha começado em 1934, sob o impulso do fundador do

Opus Dei¹¹⁸. As cartas que escreveu aos pais, na residência, e que foram publicadas nas páginas desta revista¹¹⁹, refletem o cotidiano dos primeiros membros do Opus Dei e do seu fundador, que desenvolviam uma ampla atividade de formação cristã.



Figura 3 - Emiliano Amann, com outros residentes de DYA (Madrid), no terraço da residência, em maio de 1936. Emiliano é o primeiro à direita.

O rebentar da Guerra Civil separou-o por algum tempo da formação e da ajuda espiritual que recebia em DYA, mas quando S. Josemaria conseguiu escapar da perseguição religiosa e estabelecer-se em Burgos, recuperou o contacto com ele e experimentou a sua paternal solicitude, tanto pessoalmente como por carta. Uma carta de Amann está na origem dos pontos 106 e 977 de *Caminho*¹²⁰.

Quando acabou a guerra, Amann voltou para Madrid, onde ajudou a instalar a nova residência na Rua Jenner, em que ficou a morar. Daí, mudou depois para a Residência Universitária Moncloa, que iniciou as suas atividades em 1943. Continuou a visitar S. Josemaria, embora com menos frequência.

Quando acabou o curso de Arquitetura, em 1946, regressou a Bilbao. Escrivá tinha certamente falado também com ele sobre a “vocação matrimonial”, e quando Emiliano Amann casou com Carmen Garamendi, em 1948, S. Josemaria oficiou o casamento, em Algorta (Biscaia). E quando, em Molinoviejo, lhe apresentou a possibilidade de pedir a admissão como supranumerário, Amann recordava: "não hesitei nem por um segundo, porque confiava no Padre"¹²¹.

Como arquiteto, Emiliano Amann trabalhou nos anos do desenvolvimentismo, continuando a linha inovadora do seu pai para projetar habitações sociais que reduziam custos e melhoravam o aproveitamento do espaço. Trabalhou ainda como arquiteto diocesano entre 1956 e 1960, e realizou vários projetos para Vivendas de Vizcaya, para a *Obra Sindical del Hogar*, para o Banco Popular e para a Telefónica. Além disso, encarregou-se de edifícios destinados a atividades apostólicas relacionadas com o Opus Dei, como a casa de retiros Islabe (Derio, Biscaia). Faleceu em 13 de dezembro de 1980.

Juan Caldés Lizana (1921-2008)

Nasceu em Lluchmajor (Maiorca), no dia 1 de janeiro de 1921. A família teve que se mudar para Madrid, onde Juan fez o Secundário, obtendo o prémio extraordinário no exame nacional.

Depois da Guerra Civil, estudou Direito na Universidade de Valência, curso que terminou em 1944. No ano seguinte, obteve o título de doutor em Madrid e candidatou-se a assessor jurídico do Instituto Social da Marinha em 1946. Neste mesmo ano, fundou em Madrid a Academia Universitária S. Raimundo de Penhafort, destinada a trabalhadores de vários setores, que assim podiam estudar Direito em horário noturno. A Academia chegou a ser

um centro modelo, no seu âmbito, que inspirou a criação de outros semelhantes em Espanha. Em 1956, centenas de empregados tinham já concluído o curso de Direito ¹²².

Com Leonardo Prieto Castro, professor de Direito Processual, Juan Caldés fundou também a Escola de Prática Jurídica da Universidade de Madrid. Quase meio século depois, havia setenta e quatro escolas desse tipo em Espanha.

Durante os seus estudos em Valência, tinha conhecido o Opus Dei graças a Amadeo de Fuenmayor e a José Montañés. Pediu a admissão como supranumerário em 15 de julho de 1948, umas semanas antes de ir para Molinoviejo. Quando S. Josemaria conversou com ele, não teve que lhe pôr a questão da sua possível vocação, como a outros: «Num momento em que me pegou pelo braço e demos uma volta, recordava Caldés, só me fez uma recomendação muito concreta: no próximo ano, queria ver-me ali com dois amigos meus. A sua paixão pelo apostolado era incomensurável» ¹²³.



Figura 4 - Durante uma tertúlia com S. Josemaria em Tajamar (Madrid), em 1972: em segundo plano, de óculos, aparece Juan Caldés.

Casou com Consuelo Llopis Martínez, que também foi supranumerária. Tiveram dez filhos.

Ao longo da sua vida profissional, desempenhou vários cargos relacionados com a advocacia e com a economia: no Conselho Geral de Advogados, na Mutualidade de Advogados de Espanha, na Confederação de Entidades da Previdência Social de Espanha, etc. Desde 1958, ocupou-se também da Banca: primeiro no Banco Popular e depois como diretor do Instituto de Crédito das Caixas de Aforro, onde recordava ter passado os quatro anos profissionalmente mais felizes¹²⁴. Tradicionalmente, as Caixas de Aforro favoreciam obras sociais e culturais, que Caldés impulsionou nesses anos, com a criação de residências para idosos, escolas, etc. Em 1972, o Instituto de Crédito foi absorvido pelo Banco de Espanha, do qual Caldés passou a ser diretor geral até 1984. Depois, voltou a exercer a advocacia. Faleceu em 30 de maio de 2008.

Jesús Fontán Lobé (1901-1980)

Nasceu em 26 de abril de 1901 em Vilagarcía de Arousa (Pontevedra). Foi da Marinha de guerra, onde atingiu o grau de vice-almirante. Morando em El Ferrol, quando criança, conheceu um amigo do seu irmão João, mais velho do que ele, que ia estudar lá para casa: chamava-se Francisco Franco Bahamonde. Desde então, estabeleceram uma grande amizade, e esse foi o motivo pelo qual o general e ditador espanhol o nomeara seu assistente em fevereiro de 1939¹²⁵.

Fontán ingressou na Escola Naval em 1917 e, posteriormente, obteve os títulos de piloto de aeronave e de observador naval, além do diploma do

Estado Maior. Durante a Guerra Civil, foi preso em Madrid, em setembro de 1936, e passou dois meses na Prisão Modelo. Depois de ser libertado, passou à zona nacional em junho de 1937. A partir de então, foi designado para vários navios e trabalhou no Quartel-General do Exército, em Salamanca.

Em 1942, conheceu José María González Barredo, um dos primeiros membros do Opus Dei, professor da Universidade de Zaragoza, que lhe falou sobre S. Josemaria. No dia seguinte conheceram-se, e a simpatia do fundador logo o conquistou. Em sucessivos encontros, testemunhou a segurança com que ele falava do futuro desenvolvimento da Obra. Naqueles anos, Jesús Fontán também conviveu com Álvaro del Portillo¹²⁶.

No início de abril de 1946, Fontán deixou de ocupar o cargo de assistente do Generalíssimo, para assumir o comando do navio Galatea. No verão de 1947, recebeu em sua casa a agradável e inesperada visita de Josemaria Escrivá e Álvaro del Portillo, em Pontedeume. Com a mulher, Blanca Suanzes, que também era supranumerária, tinham então seis filhas e dois filhos. «Com o carinho que o Padre [J. Escrivá] tinha em tudo - recordava Fontán -, olhou para as minhas filhas e disse: “Destas tenho eu que levar alguma”, e o Senhor concedeu a vocação a duas [...]. Quando se despediu, disse-me: "Já podes ser da Obra"»¹²⁷.

Depois de ocupar cargos de grande responsabilidade, em 1967, cessou a sua atividade na Marinha, mas não a sua relação com o mar. Nesse ano, foi nomeado presidente do Instituto Social da Marinha, que se ocupa dos serviços de saúde e previdência social para os trabalhadores do mar, além de prestar outras ajudas àqueles que realizam esse duro trabalho e às suas famílias. Deixou o cargo em 1976, aos 75 anos de idade.

Morreu em 26 de agosto de 1980, na sua casa de Cabañas (A Corunha). No funeral, estiveram presentes muitos colegas da Marinha a quem ele tinha procurado aproximar de Deus durante a sua vida como supranumerário.

Rafael Galbe Pueyo (1919-2012)

Nasceu em Zaragoza em 1919, onde estudou Direito. Em 1937, durante a Guerra Civil, a bordo do cruzeiro Canárias, chegou a Maiorca, onde conheceu José Orlandis, a quem sempre esteve ligado por uma grande amizade¹²⁸. Foi tenente auditor da Escala de Complemento do Corpo Jurídico da Armada.

O seu contacto com o Opus Dei deu-se em Saragoça, nas viagens regulares que alguns membros da Obra fizeram a essa cidade. Durante o ano de 1942-43, viveu em Madrid, para preparar a candidatura a magistrado. Costumava visitar S. Josemaria e José Luis Múzquiz na casa da rua Lagasca. Galbe ingressou na carreira judicial em 1947 e foi designado para o Tribunal de Primeira Instância e Instrução de Jaca. Em 1948, como sabemos, S. Josemaria pensou nele como um dos possíveis candidatos a ser supranumerário. Tal como os outros participantes do convívio, ficou animado com essa possibilidade. Mais tarde passou a ser numerário. Em 1949, foi destinado pelo governo espanhol aos então chamados territórios do Golfo da Guiné.

Na colónia espanhola, era conhecido pela sua atividade apostólica entre os europeus mais jovens, que encontravam dificuldades para viverem de maneira cristã naquele ambiente, moralmente mais relaxado do que na Espanha da época. Em abril de 1953, foi nomeado juiz de Primeira Instância e Apelação de Santa Isabel e presidente do Tribunal Colonial e Superior Indígena. Em maio de 1960, foi promovido à categoria de

magistrado, continuando como chefe do Serviço de Justiça do então território da Guiné.

Em 1966, era Presidente do Tribunal de Justiça da Guiné Equatorial ¹²⁹. Em 9 de outubro de 1968, cessou funções como Comissário geral adjunto da Guiné Equatorial, no mesmo dia em que Espanha concedia a independência ao novo país. Os que por lá conviveram com ele recordavam-no como um homem de grande fé, honesto, de sólida retidão moral e com um temperamento forte.

Desde meados dos anos 50, tinha-se desvinculado formalmente do Opus Dei, mantendo sempre a reputação de uma pessoa "reflexiva, crente e acima de tudo prestável"¹³⁰. E permaneceu também solteiro toda a vida.

Ao regressar a Espanha, tornou-se presidente da Câmara do Contencioso - Administrativo da Audiência de Saragoça. Faleceu na capital aragonesa em 2012.

Víctor García Hoz (1911-1998)

Nasceu em Campillo de Aranda (Burgos), em 1911. Em 1940, doutorou-se no ramo de Pedagogia e em 1944 assumiu a cátedra de Pedagogia Experimental e Diferencial, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid.

Casou em agosto de 1939, logo após o fim da Guerra Civil Espanhola. Ele e a mulher, Nieves Rosales y Laso de la Vega, procuravam um diretor espiritual, e foi assim que conheceu o fundador do Opus Dei. O contacto aconteceu através de Casimiro Morcillo, vigário geral da diocese de Madrid. Até 1946, encontravam-se regularmente. Dessas palestras de orientação espiritual, García Hoz lembrava «uma frase que então me encheu

de assombro: “Deus chama-te por caminhos de contemplação”. Naqueles anos, era quase incompreensível que se falasse a um homem casado - com uma filha na época e esperando a chegada de mais filhos, como de facto aconteceu, tendo que trabalhar para sustentar a sua família - de contemplação, como coisa a que dedicar-se»¹³¹. Ele e a mulher, que também viria a ser supranumerária, tiveram oito filhos.

Por volta de 1942, Escrivá começou a falar-lhe da possibilidade de responder «a uma vocação divina especial para procurar encontrar a santidade no meio do mundo [...]. Propôs-me ele que, juntamente com outra pessoa, Tomás Alvira, começássemos a viver as Normas e Costumes da Obra, sem darmos caráter formal à nossa pertença a ela. Isso deu-me uma grande alegria. [...] Com uma paciência que me surpreende cada vez mais, o Padre dirigia um Círculo de Estudos de Supranumerários, não existindo eles ainda formalmente, ao qual Tomás Alvira e eu assistíamos»¹³².

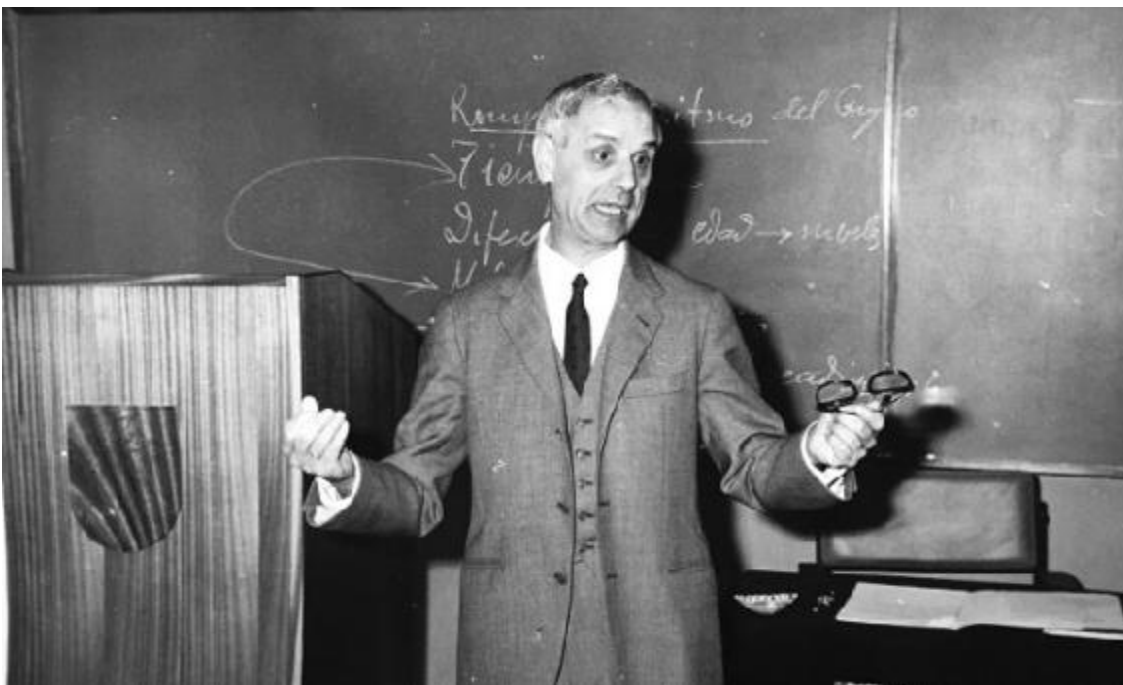


Figura 5 - Víctor García Hoz, dando uma conferência no Colégio Peñarredonda (A Corunha), de Fomento

O historial académico e profissional de Víctor García Hoz é muito amplo. Foi diretor do Instituto de Pedagogia do Conselho Superior de Investigações Científicas, até 1981; membro da Academia Real de Ciências Éticas e Políticas e de Sociedades científicas; orientador pedagógico – por encargo da UNESCO - de diversos estados; obteve vários doutoramentos *honoris causa*, inúmeros prémios e distinções nacionais e internacionais. Com centenas de publicações, talvez a sua obra mais importante seja o monumental *Tratado de educación personalizada*, em trinta e três volumes, com a colaboração de professores europeus e americanos, que concluiu em 1997, aos 86 anos. Até poucos dias antes da sua morte, foi pontualmente ao trabalho em Fomento de Centros de Ensino, entidade promotora de muitos colégios de inspiração cristã, em cuja criação e impulso participou com entusiasmo, juntamente com Tomás Alvira e Ángel Santos, também participantes no convívio de Molinoviejo.

Faleceu em 18 de fevereiro de 1998, na sua casa de Madrid.

Antonio Ivars Moreno (1918-1997)

Nasceu em Valência em 1918. Estudou Direito na sua cidade natal e fez o doutoramento em Madrid. O seu conhecimento do fundador do Opus Dei remonta às primeiras viagens de S. Josemaria a Valência, depois da Guerra Civil espanhola, em 1939, quando, segundo as suas memórias, «um amigo íntimo me falou dele descrevendo-o como um sacerdote santo, dedicado à formação da juventude. Falou-me de uns círculos que havia num modesto andar da Rua Samaniego nº 9, e propôs-me assistir»¹³³. Aí conheceu S. Josemaria, um dia em que o fundador estava «de cama, doente, com febre, magro»¹³⁴. Depois de recuperar, confessou-o e convidou-o para a Missa que ia celebrar e que o impressionou profundamente. Quanto a esse encontro,

recorda: «A minha vida mudou. Eu ansiava, durante esses últimos anos, encontrar alguma coisa que "me enchesse por completo", e era exatamente aquilo o que eu esperava sem o saber»¹³⁵.

Em 1940, quando já funcionava uma residência universitária na mesma rua Samaniego, Antonio Ivars teve uma conversa com Pedro Casciaro e Amadeo de Fuenmayor. Eles confidenciaram-lhe que S. Josemaria lhes «tinha dito "que eu tinha vocação matrimonial e que não me inquietassem"»¹³⁶. Desde aqueles primeiros contactos com o Opus Dei, já se sentia parte da Obra: «Sou supranumerário e não o fui "de jure" até dez anos depois. Contudo, a minha vocação surgiu logo nos primeiros momentos»¹³⁷.

Profissionalmente, trabalhou na Companhia de Elétricos e Caminhos de Ferro de Valência, da qual foi Secretário-geral. Em 1957, motivado pelas suas preocupações por uma melhoria do mundo empresarial, fundou uma escola destinada à formação de altos executivos de empresas, uma iniciativa pioneira em Valência. Escreveu vários livros relacionados com a formação de quadros diretivos e com a gestão de empresas.

Organizou tertúlias que o ajudaram a ampliar o campo das suas amizades. Um bom número de Supranumerários de Valência afirma que, graças a ele, descobriram a sua vocação. Em 1982, fundou a Escola Tertúlia, frequentada semanalmente por pequenos grupos de empresários com quem ele tratava de temas humanísticos, culturais, sociais e profissionais.



Figura 6 - Antonio Ivars, o segundo da esquerda, em Valência, em 1948

Na última etapa da sua vida, sofreu durante dez anos a doença de Alzheimer. Faleceu em 25 de abril de 1997.

Mariano Navarro Rubio (1913-2001)

Nasceu em Burbáguena (Teruel), em 14 de novembro de 1913 ¹³⁸. Passou a infância e a primeira juventude em Daroca (Saragoça). Estudou Direito na Universidade de Saragoça. De ideias republicanas e contrário tanto aos partidos de esquerda como aos de direita, encontrou na Ação Católica um bom campo de ação. No final da Guerra Civil Espanhola desvinculou-se do exército, como Capitão Provisório de Regulares.

Preparou o doutoramento em Direito e ingressou na Academia do Corpo Jurídico Militar. Vivia em Madrid e era membro do Conselho Superior da Ação Católica da Juventude, quando conheceu S. Josemaria, em maio ou junho de 1940, graças a Alberto Ullastres¹³⁹, Presidente do Conselho

Diocesano de Madrid e seu colega de estudos no curso de Doutorado em Direito.

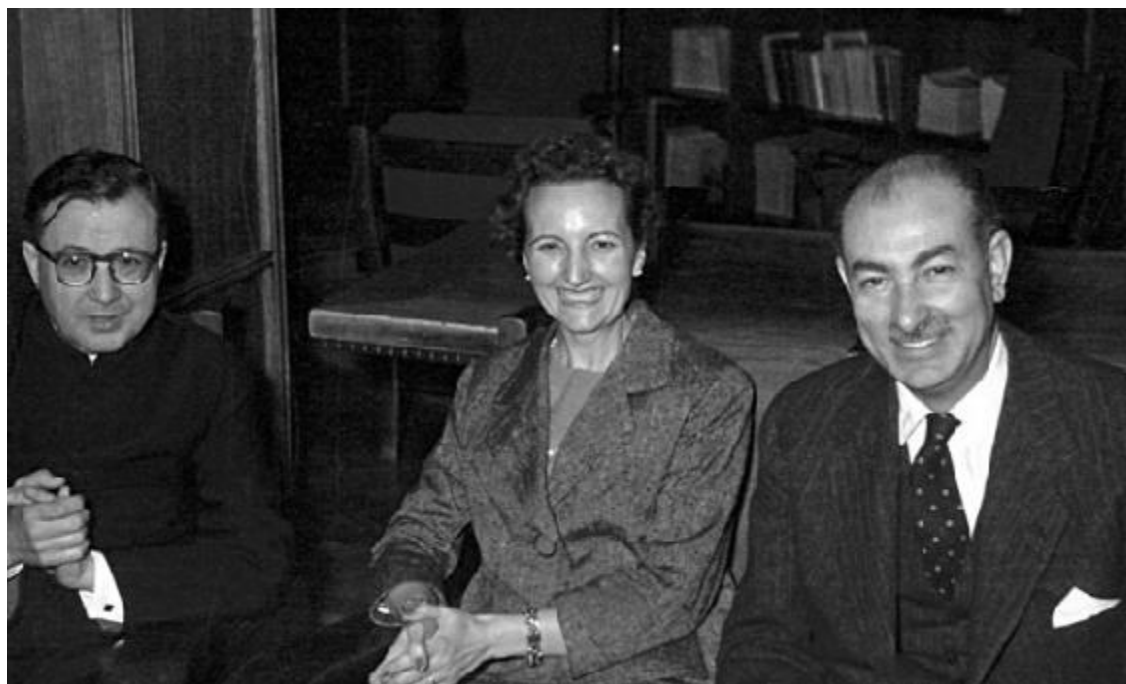


Figura 7 - S. Josemaria com Mariano Navarro Rubio e a mulher, María Dolores Serrés, por ocasião de uma viagem a Roma, em 1958.

Navarro procurava um bom diretor espiritual para esclarecer as suas dúvidas sobre uma possível vocação sacerdotal. A princípio, S. Josemaria animou-o nessa direção, mas depois de alguns dias, aconselhou-o a esperar e a pensar se Deus não o chamava ao casamento. Uma série de eventos daqueles dias fizeram-no ver que o fundador da Obra tinha razão. Veio a casar com Maria Dolores Serrés Sena, com quem teve onze filhos.

Algo de semelhante lhe aconteceu em relação à sua orientação profissional. Respeitando a sua liberdade, S. Josemaria sugeriu-lhe que pensasse em dedicar-se à política, em vez de obter uma cátedra de Direito à qual Navarro então aspirava. Depois da perplexidade inicial perante esse conselho inesperado, a realidade mostrou que as suas qualidades iam nessa direção, como Escrivá tinha intuído, pois, como o próprio Navarro recordava, «em

1947 fui designado Procurador nas Cortes. Em 1955, fui nomeado Vice-secretário das Obras Públicas. Em 1957, Ministro das Finanças e em 1965, Governador do Banco de Espanha. Não há dúvida que o Padre tinha razão»¹⁴⁰.

Navarro continuou a falar com S. Josemaria, enquanto o seu afeto pela Obra crescia. Estando em Roma com Víctor García Hoz, em 1947, encontrou-se com o fundador, que lhe comunicou que tinha chegado a hora de os casados se poderem incorporar ao Opus Dei como supranumerários. Quando lhe perguntaram se queria ser um deles, respondeu decididamente que sim. S. Josemaria disse-lhe que pedisse a García Hoz para lhe mostrar as Preces¹⁴¹, e naquele dia rezaram-nas juntos no hotel.

Como vimos, Mariano Navarro Rubio ocupou posições importantes na vida pública espanhola. Recebeu muitos reconhecimentos e condecorações pelo seu trabalho. Foi também um estudioso de Economia e Política e académico da Real Academia de Ciências Éticas e Políticas. Foi um dos principais impulsionadores do Plano Nacional de Estabilização Económica, que modernizou a Economia e a Administração Espanholas, possibilitando - nos anos em que foi Ministro das Finanças - um extraordinário crescimento económico. Essa brilhante carreira foi truncada em 1970, enquanto era governador do Banco de Espanha, quando foi acusado no chamado "caso Matesa"¹⁴². Durante os últimos anos da sua vida, a doença levou-o a ficar imobilizado. Faleceu em 3 de novembro de 2001.

Silverio Palafox Marqués (1921-2015)

Nasceu em Granada em 1921. Enquanto estudava Medicina em Valência, começou a frequentar a residência da Rua Samaniego, animado pelo Pe. Eladio España, um sacerdote bom amigo de S. Josemaria. Em 1940,

conheceu o fundador do Opus Dei em Valência. Pedro Casciaro convidou-o para dar aulas de Biologia aos que frequentavam essa residência, para prepararem os exames nacionais. Em 1941, esteve em Madrid, num retiro que S. Josemaria pregou, e vinculou-se ao Opus Dei, mas passado pouco tempo perdeu o contacto ao alistar-se voluntariamente na Divisão Azul, que reuniu jovens espanhóis para lutar na Rússia. Voltou um ano e meio depois, bastante decepcionado com o que tinha vivido, e transferiu a sua matrícula para a Universidade de Salamanca.



Figura 8 - Silverio Palafox com vários amigos em 1944, na Residência Moncloa (Madrid): é o primeiro à direita.

Continuou a manter contactos esporádicos com o Opus Dei e com S. Josemaria até que um dia - por sugestão do seu irmão Emilio, que era da Obra -, perguntou a Pedro Casciaro "o que era isso dos 'supranumerários'". Casciaro mostrou-se surpreendido, mas respondeu sorrindo: «Ainda não é nada, mas vai ser. Tu continua a portar-te bem e reza por isso»¹⁴³. Depois

de algum tempo, convidaram-no a ir a Molinoviejo, pela ocasião que conhecemos, onde pôde saber o que queria e passar a ser do Opus Dei.

Em 1950, casou com Maria Dolores Bogdanovitch Manrique: o casal teve cinco filhos, com os quais quiseram construir um lar cristão desde o princípio.

Foi um cientista ativo, expoente da corrente neohipocrática do naturismo médico espanhol. Doutorou-se com prestigiosos académicos em Hidrologia, Psiquiatria, Endocrinologia e em História da Medicina. Foi professor de várias disciplinas na Universidade Complutense de Madrid. Em 1947, fundou *Cadernos de Bionomia*, uma revista que visava o estudo e a divulgação do naturismo médico, higiene, dietética, vegetarianismo, agentes naturais de cura e a tendência autocurativa do organismo, num contexto de humanismo médico.

Foi académico correspondente da Real Academia Nacional de Medicina (1980) e fundador da Associação Espanhola de Médicos Naturistas (1981), da qual foi presidente até 1997.

Morreu em 23 de março de 2015, aos noventa e três anos de idade.

Manuel Pérez Sánchez (1905-2002)

Nasceu em Herrera de Ibio (Cantábria) em 8 de novembro de 1905. Depois de acabar o Ensino Secundário em Santander, foi viver para Madrid no ano de 1924, a fim de preparar a admissão na Escola Técnica Superior de Engenharia. Lá, o seu conterrâneo e amigo Manuel Sainz de los Terreros convidou-o para as atividades de formação cristã que o fundador do Opus Dei organizava.

Conheceu S. Josemaria em 18 de março de 1934, num retiro espiritual que decorreu na residência dos Redentoristas da Rua Manuel Silvela 14, em Madrid. Pouco depois, pedia a admissão no Opus Dei.

Em anos anteriores, tinha colaborado nas atividades que as Conferências de S. Vicente de Paulo realizavam na paróquia de S. Raimundo, no bairro madrilenho de Puente de Vallecas. Um dos participantes era um aluno do primeiro ano da Escola de Engenharia: Álvaro del Portillo. Um dia, em que todos falavam com entusiasmo de Josemaria Escrivá, Pérez Sánchez concordou em apresentá-lo a Del Portillo, o que aconteceu alguns dias depois na Residência DYA. O Bem-Aventurado Álvaro del Portillo conservou sempre uma gratidão especial para com Manuel Pérez Sánchez por lhe ter possibilitado conhecer S. Josemaria.

A Guerra Civil surpreendeu-o em Santander. Quando S. Josemaria conseguiu chegar a Burgos, retomaram o contacto. Em determinada ocasião, Pérez Sanchez pôde prestar uma ajuda económica muito necessária para superar os apuros do fundador e seus amigos.

Pouco antes da Guerra Civil, Pérez Sánchez tinha deixado de ser numerário, mas S. Josemaria pensou logo nele como possível supranumerário, e assim foi desde os dias de Molinoviejo em 1948. Em 1962, ainda solteiro, passou a ser agregado do Opus Dei. Até 1997, viveu na sua casa em Madrid. Ocupou vários cargos no Ministério das Obras Públicas. Em 1965, foi nomeado diretor da Comissão Administrativa do grupo de Portos. Desde a sua aposentação, em 1975, trabalhou na distribuição de livros espirituais e na execução de tarefas administrativas no centro do Opus Dei de que dependia, até depois dos noventa anos. Durante toda a sua vida, continuou a colaborar nas Conferências de S. Vicente, que foram também um meio para fazer apostolado com os seus amigos.

Morreu em Herrera de Ibio em 29 de março de 2002, aos noventa e seis anos de idade.

Manuel Sainz de los Terreros e Villacampa (1907-1995)

Nasceu em Solares (Cantábria) em 1907. Amigo de Manuel Pérez Sanchez, como já se disse, e engenheiro civil tal como ele, tinha conhecido S. Josemaria em junho de 1933. Falaram-lhe desse padre aragonês na altura em que ajudava famílias pobres em Madrid, numa atividade caritativa. Quando se conheceram, o jovem engenheiro manifestou a sua incerteza acerca de uma possível entrega a Deus, e depois de rezar e pensar sobre isso, passados alguns dias, decidiu-se a colaborar com toda a sua alma na obra que Escrivá estava a desenvolver¹⁴⁴.

Colaborou nos inícios da Academia e Residência DYA e, por ser um pouco mais velho que os estudantes universitários que a frequentavam, encarregou-se da So.Co.In., a primeira tentativa de S. Josemaria para lançar a obra de S. Gabriel. Depois, com Tomás Alvira e outros, acompanhou Escrivá na fuga pelos Pirenéus. Em 1938, perdeu o contacto com a Obra, embora sempre tenha mantido uma grande estima e veneração por S. Josemaria.

Casou com Carmen de Goñi y Esparza, tiveram sete filhos, e passou a residir em Pamplona, onde exerceu a sua atividade profissional.

Quando surgiu a possibilidade de recuperar alguns velhos conhecidos da época de Ferraz, S. Josemaria pensou em Sainz de los Terreros, que concordou em participar na semana de Molinoviejo, embora o seu novo contacto com a Obra tenha sido interrompido novamente depois de algum tempo. Morreu em Pamplona a 18 de junho de 1995.



Figura 9 - Manuel Sainz de los Terreros, durante a Guerra Civil Espanhola.

Ángel Santos Ruiz (1912-2005)

Nasceu em Reinosa (Cantábria), em 1912. Aos 22 anos, terminou a licenciatura na Faculdade de Farmácia da Universidade de Madrid e ampliou estudos em Londres e Paris. Conheceu S. Josemaria em setembro de 1935, através de Miguel Deán, um amigo que também chegaria a ser supranumerário, um pouco mais tarde.

Nas suas memórias, escritas muitos anos depois, encontramos a exortação do fundador do Opus Dei sobre «a conveniência de fazer uma excelente preparação a nível científico e profissional, para ter prestígio e poder influir, com uma visão cristã, no ambiente familiar, universitário e social» ¹⁴⁵.



Figura 10 - Ángel Santos, à esquerda, com José Antonio Galarraga, em 1944.

Foi um dos que aderiram às atividades da So.Co.In. Durante a Guerra Civil, Isidoro Zorzano facilitou-lhe às vezes a possibilidade de comungar e, nalguma ocasião, um sacerdote celebrou clandestinamente a Missa em sua casa. Mas, como outros católicos, Santos Ruiz acabou por ser detido e preso. Depois da Guerra Civil, continuou a participar nas atividades de formação cristã do Opus Dei, tendo S. Josemaria como seu diretor espiritual.

Em 1940, obteve a cátedra de Química Biológica na Faculdade de Farmácia da Universidade Central de Madrid. Recordava que S. Josemaria «me felicitou e, com a sua característica veemência, esclareceu as minhas responsabilidades como universitário, como cientista e como filho de Deus. Eu deveria ter um grande amor ao meu trabalho - sem centrar as minhas esperanças na glória humana ou no agradecimento dos outros - com retidão de intenção e, sobretudo, com uma constante preocupação por fazer apostolado com os meus colegas e amigos, ajudando-os

desinteressadamente, não apenas no campo espiritual, mas também no material, se fosse necessário»¹⁴⁶.

À medida que Santos Ruiz conhecia melhor o Opus Dei, sentia alguma inquietação quanto a um possível chamamento de Deus, mas recordava que o fundador lhe falara da sua vocação ao matrimónio: "Uma vocação maravilhosa", dizia o Padre, "que eu abençoo com as duas mãos"¹⁴⁷. O próprio Escrivá o casou, em 4 de dezembro de 1941, com María del Carmen Díaz Hernández-Agero, que também seria supranumerária. Tiveram quatro filhos.

Compatibilizando-o com o seu trabalho universitário, estudou Medicina em Salamanca e fez o respetivo doutoramento em Madrid. Pela sua atividade docente e de pesquisa, chegou a ser um dos pais da Bioquímica em Espanha. Em 1955, foi nomeado presidente da Comissão Nacional de Bioquímica. Foi também um dos fundadores da Sociedade Espanhola de Bioquímica e presidente da Real Academia Nacional de Farmácia, além de membro da Real Academia Nacional de Medicina. Recebeu cinco doutoramentos *honoris causa* e outros importantes reconhecimentos e condecorações pela sua atividade científica¹⁴⁸.

Morreu em 23 de abril de 2005, aos noventa e dois anos de idade

Carlos Verdú Moscardó (1914-1991)

Nasceu em Paterna (Valência) em 1914. Estudou Direito na Universidade de Valência.

Foi um dos universitários presentes no primeiro retiro que S. Josemaria pregou em Valência em 1939. Foi bolseiro no *Colegio San Juan de Ribera*, em Burjasot (Valência). Três estudantes foram designados para ir a Madrid

buscar o Pe. Josemaria Escrivá: um deles era Verdú. Recordando aquelas horas de viagem de carro, de Madrid a Valência, com S. Josemaria, escreveu que a sua conversa "girava à volta da sua preocupação por conquistar a Universidade para Jesus Cristo. Estimulava em nós o sentido de responsabilidade que, como estudantes católicos, nos deveria levar a ser os melhores a todos os níveis, e a termos a competência e o prestígio para realizar, no ambiente universitário, o trabalho a que estávamos chamados como intelectuais católicos»¹⁴⁹.

Verdú foi o protagonista de uma história que S. Josemaria evocou em diversos momentos da sua vida, oralmente e por escrito, que se relaciona com um cartaz em que estava escrito o lema "Cada caminhante siga o seu caminho", deixado pelas tropas republicanas que tinham ocupado o edifício durante a guerra. Quando ele estava prestes a arrancá-lo, S. Josemaria disse-lhe que podia ser útil deixá-lo ficar e, durante os exercícios, «era rara a meditação ou a palestra em que, de uma maneira ou de outra, não aproveitasse a frase “cada caminhante siga o seu caminho”, para nos encher de coerência na nossa atuação como católicos»¹⁵⁰. Verdú percebeu também naqueles dias, com a ajuda de S. Josemaria qual era o seu próprio "caminho", o de procurar a santidade dentro do estado matrimonial. E não voltaria a ver o fundador até aos dias de Molinoviejo, para os quais o seu velho amigo Ángel López-Amo¹⁵¹ o convidara, por encargo de S. Josemaria.

Depois do convívio, já como supranumerário, voltou a encontrar-se com S. Josemaria, em Valência, em abril de 1949. Nessa altura, ia com três amigos que, pouco depois, pediram a admissão como supranumerários.

Casou com Maria Sancho Minaya, e tiveram quatro filhos. Dedicou-se ao exercício da advocacia em Valência e Gandía, uma localidade perto da

capital valenciana. Ocupou também cargos na vida pública valenciana: foi deputado provincial em Valência, vice-presidente da Câmara Municipal de Valência e diretor do Hospital Provincial da mesma cidade. Manteve sempre o contacto com a Residência San Juan de Ribera, de cujo Conselho foi membro, além de Presidente da Associação de antigos alunos.

Faleceu em 24 de julho de 1991 em Valência, depois de três anos em situação de doença grave.

Pedro Zarandona Antón (1922-2009)

Nasceu em Castro Urdiales (Cantábria), em 12 de agosto de 1922. Foi o mais novo de doze irmãos. Em 1941, entrou na Escola Naval. Em junho de 1944, foi-lhe diagnosticada uma tuberculose. Durante a convalescença, duas das suas irmãs, que eram Clarissas no mosteiro de Cantalapiedra (Salamanca), aconselharam-no a ler *Caminho*. Ansioso por conhecer o autor, Zarandona tentou entrar em contacto com S. Josemaria, com quem se encontrou em Madrid, no dia 1 de dezembro de 1945. O fundador interessou-se pela sua doença e, entre outros conselhos, recomendou-lhe que recorresse à intercessão de Isidoro Zorzano. Quando lhe perguntou sobre o Opus Dei, S. Josemaria disse-lhe que tivesse paciência e sugeriu-lhe que, nessa altura, tivesse direção espiritual com o reitor da Paróquia do Bom Sucesso, Monsenhor José Maria Bulart, seu bom amigo. Em outubro de 1946, já quase restabelecido, começou a participar nos meios de formação cristã que havia na Residência Moncloa.



Figura 11 - Pedro Zarandona, o primeiro da direita, durante uma visita do Bem-Aventurado Álvaro del Portillo a Torreciudad (Huesca), em 1978.

Em janeiro de 1947, conseguiu reintegrar-se na Escola Naval, para concluir os estudos. Em junho desse ano, foi promovido a alferes e destacado para a Jurisdição Central da Marinha, em Madrid, onde retomou o contacto com o Opus Dei.

Depois de ter pedido a admissão como supranumerário em 1948, e depois dos dias passados em Molinoviejo, começou os estudos de Economia na Universidade Central de Madrid, compatibilizando-os com o seu trabalho. Em novembro de 1950, por ocasião de uma peregrinação militar a Roma, esteve novamente com S. Josemaria. Pouco depois, pedia a admissão como agregado do Opus Dei e, um ano mais tarde, passava a ser numerário.

Em 1962, após ter sido promovido a capitão de fragata, decidiu solicitar a passagem à situação de reserva na Marinha, para se dedicar inteiramente às tarefas internas do Opus Dei. De 1962 a 1964, viveu e trabalhou em Sevilha, como membro da Delegação do Opus Dei naquela cidade, e em

1964 regressou a Madrid, para trabalhar na Comissão Regional do Opus Dei em Espanha, primeiro como oficial e depois, desde 1966, como administrador.

Em 1976, passou a viver em Torreciudad para assumir a presidência da comissão patrocinadora do Santuário, onde se encarregou da sustentação económico e da divulgação do mesmo, assim como da promoção de obras sociais e educativas na zona. Quando voltou a Madrid, em 1992, trabalhou para apoiar diferentes iniciativas apostólicas do Opus Dei. Promoveu ainda a Fundação Ana María de la Lama y Salvarrey, que concedeu bolsas de estudo a jovens da Cantábria, além de colaborar noutros projetos de promoção social.

Faleceu no dia 21 de maio de 2009, em Madrid.

Autor



Luis Cano. Secretário e membro ordinário do Instituto Histórico S. Josemaria. Licenciado em Direito e Doutor em Teologia. O seu campo de investigação, além do Opus Dei e seu fundador - especialmente a sua pregação e escritos - é a História da devoção ao Sagrado Coração e a Cristo Rei. É professor de História da Igreja no Istituto di Scienze Religiose all'Apollinare (Roma). Publicou recentemente, com Francesc Castells, uma série de textos inéditos da pregação de S. Josemaria (*En diálogo con el Señor*, Madrid, Rialp, 2017).

e-mail: lucano@isje.org

Notes

[← 1]

Para simplificar, chamamos “convívio” à semana de formação cristã e de aperfeiçoamento espiritual e pessoal que fazem habitualmente os supranumerários uma vez por ano, que supõe também ocasião de conviver e descansar juntamente com outros membros do Opus Dei. (N. T. Em Portugal, designa-se também como “curso anual”.)

[← 2]

Referimo-nos à aprovação como Instituto Secular, com o *Decretum laudis* (decreto *Primum institutum*, 24 de fevereiro de 1947).

[← 3]

Constituições 1947, nº 342, 3ª, cit. em Amadeo de Fuenmayor - Valentín Gómez Iglesias - José Luis Illanes, *El itinerario jurídico del Opus Dei. Historia y defensa de un carisma*, Pamplona, Eunsa, 1989, p. 199 (a partir de agora, *Itinerário*).

[← 4]

Cf. *ibid.*

[← 5]

Nota de 5 de novembro de 1947, AGP, A.2, 40-3-2.

Amadeo de Fuenmayor Champín (1915-2005), nasceu em Valência. Pediu a admissão no Opus Dei em 1939. Em 1943, passou a ser catedrático de Direito Civil. Em 1949 foi ordenado sacerdote. Na sua vida, compatibilizou o trabalho pastoral e a colaboração no governo do Opus Dei com a dedicação ao Direito. Entre 1952 e 1956, foi Conselheiro do Opus Dei em Espanha. Doutorado em Direito Canónico (1965), a partir de 1967 foi professor na Universidade de Navarra. Participou nos trabalhos preparatórios para erigir o Opus Dei como Prelatura Pessoal. Morreu em 22 de novembro de 2005 em Pamplona, aos 89 anos.

[← 7]

"Seis meses e um ano": refere-se à formação inicial que recebem os que solicitam a admissão no Opus Dei até à sua admissão (seis meses), e daí até à sua incorporação jurídica, pela Oblação (o que perfaz um ano).

[← 8]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 11 de dezembro de 1947, AGP, A.3.4, 0259-04, carta 471211-04.

[← 9]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 18 de dezembro de 1947, AGP, A.3.4, 0259-04, 471218-01.

[← 10]

Itinerário, p. 256.

Cf. Julio A. Gonzalo González, *Cursillos de cristiandad. Orígenes y primera expansión*, Valencia, Edicep, 2006; Raffaella Pinassi Cardinali, *I focolarini sposati. Una “via nuova” nella Chiesa*, Roma, Città Nuova, 2007; para a história das Equipas de Nossa Senhora, cf. <http://www.equipes-notre-dame.com/fr/les-equipes-notre-dame/qui-sommes-nous/lhistoire-du-mouvement> [consultado em 25 de setembro de 2017]; Fidel González Fernández, *Los movimientos en la historia de la Iglesia*, Madrid, Encuentro, 1999.

[[← 12](#)]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 25 de dezembro de 1947, AGP, A.3.4, 0259-04, carta 471225-01.

[← 13]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer a Mariano Navarro Rubio, Tomás Alvira Alvira e Víctor García Hoz, 1 de janeiro de 1948, AGP, A.3.4, 0260-01, carta 480101-01.

[← 14]

Cf. Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador do Opus Dei* (a partir de agora, AVP), Madrid, Rialp, 1997-2003, vol. III, p. 154. (na edição portuguesa, o título da mesma obra é: *Josemaria Escrivá*)

[[←](#) 15]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 18 de janeiro de 1948, AGP, A.3.4, 0260-01, carta 480118-01.

[← 16]

Constitutionibus Operis Dei Addenda, 18 de março de 1948, cit. in *Itinerário*, p. 201.

[← 17]

Outra diferença é que não se comprometiam a viver o celibato, como os numerários.

[← 18]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 29 de janeiro de 1948, AGP, A.3.4, 0260-01, carta 480129-03.

[← 19]

Itinerário, p. 200.

[← 20]

A questão, felizmente resolvida para o fundador, surgiria novamente em 1950, quando, por ocasião da aprovação definitiva das Constituições, a correspondente Comissão de Consultores da Congregação de Religiosos encontrou algumas dificuldades em admitir esse ponto e solicitou esclarecimentos ao fundador. Cf. *Itinerário*, p. 226.

[← 21]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 4 de fevereiro de 1948, AGP, A.3.4, 0260-01, carta 480204-1.

[← 22]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 18 de março de 1948, AGP, A.3.4, 0260-02, carta 480318-1.

[← 23]

Carta de Josemaria Escrivá de Balaguer ao Conselho Geral do Opus Dei, 21 de abril de 1948, AGP, A.3.4, 0260-02, carta 480421-01.

Amadeo de Fuenmayor, nas suas memórias, fala de cinco: além dos três primeiros, menciona Silverio Palafox e Juan Caldés, e outras fontes confirmam que se vincularam à Obra em 6 de maio e 15 de julho de 1948, respetivamente. Segundo outros dados, Pedro Zarandona também tinha solicitado a admissão, concretamente em 9 de maio de 1948 (Testemunho de Amadeo de Fuenmayor Champín, nota de 23 de novembro de 1976, AGP, A.5, 0353-03-07, e nota necrológica de Pedro Zarandona Antón, AGP, série M.1.4, 148).

Nas suas recordações, escritas em 1975 para testemunhar na causa de beatificação e canonização de S. Josemaria, confunde alguns factos daquele primeiro convívio - como ele próprio reconhece numa nota - com uns exercícios espirituais realizados alguns meses depois, na Semana Santa de 1949, também pregados por S. Josemaria, de onde surgiriam vários outros supranumerários (Testemunho de Amadeo de Fuenmayor Champín, 4 de setembro de 1975 e nota de 23 de novembro de 1976, AGP, A.5, 0353-03-07).

[← 26]

Diário da primeira semana do convívio para supranumerários, setembro de 1948 (a partir daqui *Diário*), [p. 1], AGP, A.2, 0040-03-05. Como as páginas do documento não estão numeradas, colocamos o número da página entre parêntesis.

[← 27]

Testemunho de Amadeo de Fuenmayor Champín, 4 de setembro de 1975, AGP, A.5, 0353-03-07.

[← 28]

Diário, p. 4.

[← 29]

Diário, pp. 5-6.

[← 30]

30 Testemunho de Tomás Alvira Alvira (notas das meditações, pp. 16-19; a partir de agora, *Notas*), 28 de janeiro de 1976, AGP, A.5, 0193-01-01, p. 19.

[← 31]

Diário, [pp. 5-6].

[← 32]

Notas, [p. 16].

[← 33]

Diário, [p. 6].

[← 34]

Notas, p. 16.

[← 35]

Diário, [p. 6].

[← 36]

Diário, [p. 5].

[← 37]

Notas, p. 17.

[← 38]

Diário, [p. 7].

[← 39]

Cf. *Lc* 18,35-43.

As anotações de Alvira são aqui mais extensas: «Precisamos de ver se existem fiozitos que nos prendem, fios ténues, subtis, mas que não nos permitem facilidade de movimentos. Devemos pedir ao Senhor que nos deixe ver esses obstáculos: Senhor, que eu veja!» (*Notas*, p. 17). A referência a esses "fiozitos subtis" encontra-se já em *Caminho*: nn 170 e 237.

[← 41]

Cf. *Mc* 3,1-5.

[← 42]

Cf. *Lc* 13.11-13.

[← 43]

Parece um lapso: de facto, o Evangelho diz que "sentiu fome" (*Mc* 11,12).

[← 44]

Cfr. *Mc* 11,13.

[← 45]

Cf. *Mt* 21,19. *Diário*, [p. 8].

[← 46]

Cf. *At* 12,15.

[← 47]

Diário, [p. 8].

[← 48]

Bandeiras "vermelhas e negras": por outros textos da sua pregação, sabemos que identificou essas cores, às vezes precedidas pelo substantivo "onda" com o marxismo e o laicismo, respetivamente.

[← 49]

Cf. *Jo* 19,15.

Alvira especifica que S. Josemaria contou a história que lhe aconteceu com um conhecido diante de um mapa-múndi: «O Padre, ao ver esse panorama, respondeu-lhe: e como podemos saber, tu, ou eu, se Cristo fracassou? A redenção não acabou... » (*Notas*, p. 17).

[← 51]

A metáfora é tirada das invasões dos povos que acabaram com a civilização do Império Romano, no final da Antiguidade. Talvez se estivesse referindo à ameaça representada pela expansão das ideologias materialistas nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial.

[← 52]

Diário, [pp. 9-10].

[← 53]

Josemaria Escrivá, *Apontamentos íntimos*, cit. em AVP, vol. I, p. 381.

[← 54]

Notas, p. 17.

[← 55]

Diário, [pp.10-11].

[← 56]

Notas, p. 17-18.

[← 57]

Diário, [p. 12].

[← 58]

Diário, [pp. 10-11].

[← 59]

Diário, [pp. 13-14].

[← 60]

Diário, [pp. 12-13].

[← 61]

Diário, [p. 13].

[← 62]

Diário, [p. 14].

[← 63]

Cf. *Lc* 18, 9-14.

[← 64]

Diário, [pp. 14-15].

[← 65]

Notas, p. 18

[← 66]

Cf. *Jo* 12,24.

[← 67]

Diário, [p. 16].

[← 68]

Diário, [p. 16].

[← 69]

Cf. *Rm* 7, 24.

[← 70]

Cf. *1 Cor* 9, 24.

[← 71]

Diário, [p. 16].

[← 72]

Diário, [p. 15].

[← 73]

Diário, [p. 17].

[← 74]

Diário, [p. 17].

[← 75]

Notas, p. 19.

[← 76]

O edifício da Telefónica, na Gran Via, em Madrid, era um dos mais altos da cidade.

[← 77]

Diário, [p. 18].

[← 78]

Cf. nota n° 81, *infra*.

[← 79]

Diário, [pp. 19-20].

[← 80]

Diário, [p. 20].

As anotações de Alvira sobre as meditações terminam no dia 30, com algumas anotações sobre a palestra proferida pelo Pe. Pedro Casciaro naquele dia, às 11 horas, que também falou, às 12h30m, sobre as virtudes de Isidoro Zorzano Ledesma (1902-1943), de quem se iria iniciar o processo de beatificação. As notas a seguir referem-se a práticas, mas sem indicar a que dia correspondem; portanto, não é possível, com segurança, colocá-las em paralelo com as notas de Amadeo de Fuenmayor, que relata poucas coisas sobre as práticas e mais sobre as meditações.

[← 82]

Cf *Mt* 13,25.

[← 83]

Diário, [p. 21].

[← 84]

Diário, [p. 21].

[← 85]

Diário, [p. 22].

[← 86]

Diário [pp. 22-23].

[← 87]

Cf At 2, 42.

[← 88]

Cf. *At* 4, 32. *Diário*, [p. 23].

[← 89]

Diário, [p. 19].

[← 90]

Diário, [p. 13].

[← 91]

Testemunho de Tomás Alvira Alvira, 28 de janeiro de 1976, AGP, A.5, 0193-01-01, p. 19.

[← 92]

Testemunho de Juan Caldés Lizana, 19 de dezembro de 1975, AGP, A.5, 0317-01-05, p. 2.

[← 93]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 8.

[← 94]

Testemunho de Juan Caldés Lizana, 19 de dezembro de 1975, AGP, A.5, 0317-01-05, p. 1.

[← 95]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 7.

[← 96]

Cf. AVP, vol. II, pp. 407-408 e 597.

[← 97]

Depoimento de Ángel Santos Ruiz, setembro de 1975, AGP, A.5, 0245-02-15, p. 9.

[← 98]

Depoimento de Mariano Navarro Rubio, 8 de julho de 1975, AGP, A.5, 0232-02-05, p. 5.

O reposteiro e a fonte decorativa referem-se a uma passagem da Escritura (*Sl* 103,10) que S. Josemaria encontrou gravada na sua alma durante uma experiência espiritual de 1931, e que registou assim nos seus *Apontamentos íntimos*: «Ontem almocei em casa dos Guevara. Enquanto estava lá, sem estar a fazer oração, dei comigo - como noutros momentos - a dizer: “Inter medium montium pertransibunt aquae” (*Sl* 103,10). Penso que durante estes dias já tive outras vezes essas palavras na minha boca, porque sim, mas não lhes dei importância. «Ontem disse-as com tanta força, que senti a exigência de as anotar. E entendi: são a promessa de que a Obra de Deus vencerá os obstáculos, passando as águas do seu apostolado através de todos os inconvenientes que se vão apresentar» (Anotação de 13 de dezembro de 1931, Caderno V, nº 476, cit. em Josemaria Escrivá de Balaguer, *Caminho*. Edição histórico-crítica de Pedro Rodríguez (a partir de agora, *Caminho*, ed. hist.-crít.-.), Madrid, Rialp, 2004 -3; cf. coment. ao ponto nº 12).

[← 100]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 9.

[← 101]

Testemunho de Juan Caldés Lizana, 19 de dezembro de 1975, AGP, A.5, 0317-01-05, p. 2.

[[← 102](#)]

Depoimento de Carlos Verdú Moscardó, julho de 1975, AGP, A.5, 0251-03-10, p. 5.

[← 103]

Depoimento de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, pp. 9-10.

[← 104]

Depoimento de Ángel Santos Ruiz, setembro de 1975, AGP, A.5, 0245-02-15, p. 9.

[← 105]

Testemunho de Manuel Pérez Sánchez, 1 de agosto de 1975, AGP, A.5, 0238-01-04, p. 30.

[← 106]

Testemunho de Silverio Palafox Marqués, 25 de julho de 1975, AGP, A.5, 0339-02-02, [p. 5].

[← 107]

Testemunho de Pedro Zarandona Antón, 1 de janeiro de 1977, AGP, A.5, 0353-01-02, p.
1.

[← 108]

Diário, [p. 25].

[← 109]

S. Josemaria tinha começado a escrevê-la em 1935, pelo que esta *Instrução* inclui duas datas: maio de 1935 e setembro de 1950.

[← 110]

Ao longo dos anos, essa proporção aumentaria. Atualmente, dos mais de 90 000 membros do Opus Dei, cerca de 70% são supranumerários.

[[← 111](#)]

Antonio Fontán, *Hermenegildo Altozano Moraleda (1916-1981)*, ABC, 15 de setembro de 1981, p. 4.

[← 112]

Cf. Julio Ponce Alberca, *Hermenegildo Altozano Moraleda. Un gobernador civil monárquico en la Sevilla de Franco*, «Andaluzia en la Historia» 34 (outubro de 2011), pp. 82-87.

[← 113]

Ha muerto el general Hermenegildo Altozano Moraleda, in *ABC*, 13-9-1981, p.12.

[[← 114](#)]

Cf. Antonio Vázquez, *Tomás Alvira. Una pasión por la familia. Un maestro de la educación*, Madrid, Palabra, 1997.

[← 115]

Para mencionar alguns nomes: Gerardo Diego, Guillermo Díaz-Plaja, Antonio Millán-Puelles, Rafael Lapesa, Gonzalo Torrente Ballester, Carlos Seco Serrano, Valentín García Yebra, Ángel Hoyos de Castro, Samuel Gili Gaya, irmãos Manuel e Dimas Fernández Galiano, Prémio Nobel Vicente Aleixandre ... (cf. *ibid.*, p. 210).

[← 116]

Mais detalhes em AVP, II, p. 142.

[← 117]

Tanto o pai como o filho foram arquitetos bascos bem conhecidos na sua época. Cf. Javier González de Durana, *La tipología de edificios para oficinas em Bilbao*, Bilbao, Conselho Provincial de Biscaia, 1992.

[← 118]

Sobre esta iniciativa apostólica, cf. a monografía de José Luis González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid 2016

[← 119]

Cf. José Carlos Martín De la Hoz - Josemaría Revuelta Somalo, *Un estudiante en la Residencia DYA. Cartas de Emiliano Amann a su familia (1935-1936)*, revista *Studia et Documenta*, vol.12 (2008), pp. 299-358.

[← 120]

Cf. *Caminho* ed. crit-hist., *in loc.*

[← 121]

Testemunho de Emiliano Amann Puente, 3 de setembro de 1977, AGP, A.5, 0193-01-04, p. 12.

[← 122]

Homenagem ao professor Caldés Lizana, no jornal *ABC*, 6-12-1956, p. 54.

[← 123]

Testemunho de Juan Caldés Lizana, 19 de dezembro de 1975, AGP, A.5, 0317-01-05, p. 2.

Entrevista com Juan Caldés, fevereiro de 1998, em <http://entrevistasenmadrid.blogspot.it/2011/09/-juan-caldes-lizana-ex-diretor-geral.html> [consultado em 13 de setembro de 2016].

[← 125]

Cf. María Mérida, *Almirante Jesús Fontán Lobé*, em Id., *Testigos de Franco. Retablo íntimo de una dictadura*, Esplugues de Llobregat, Plaza & Janés, 1977, p. 55.

[← 126]

Cf. Javier Medina Bayo, *Álvaro del Portillo. Un hombre fiel*, Madrid, Rialp, 2012, p. 239.

[← 127]

Testemunho de Jesús Fontán Lobé, 6 de agosto de 1975, AGP, A-5, 1244-01-14, [p. 7].

[← 128]

Cf. José Orlandis, *Memorias de medio siglo en Aragón*, Saragoça, Coleção da Biblioteca de Cultura Aragonesa, Caja Ahorros y Monte de Piedad de Zaragoza, Aragón y Navarra, 2003, pp. 38 e 101.

[← 129]

Cf. *ABC*, 12 de agosto de 1966, p. 27.

[← 130]

Hipólito Gómez, *Los Amigos del Alma*, em *El Periódico de Aragón*, 8 de abril de 2012.

[← 131]

Testemunho de Víctor García Hoz, 15 de julho de 1975, AGP, A.5, 0214-02-03, p. 8.

[← 132]

Testemunho de Víctor García Hoz, 15 de julho de 1975, AGP, A.5, 0214-02-03, p. 13.

[← 133]

Depoimento de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 1.

[← 134]

Ibid.

[← 135]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 2.

[← 136]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 4.

[← 137]

Testemunho de Antonio Ivars Moreno, 30 de julho de 1975, AGP, A.5, 0220-02-07, p. 2.

Detalhes biográficos abundantes em Mariano Navarro Rubio, *Mis memorias. Testimonio de una vida política truncada por el “Caso MATESA”*, Esplugues de Llobregat, Plaza & Janés, 1991.

[← 139]

Alberto Ullastres Calvo (1914-2001) solicitou a admissão ao Opus Dei em 1940. Foi Professor de Economia Política, Ministro do Comércio (1957-1965) e embaixador espanhol nas Comunidades Europeias. Com Navarro Rubio, seria um dos arquitetos das mudanças na Economia espanhola e da sua progressiva integração na Europa.

[← 140]

Testemunho de Mariano Navarro Rubio, 8 de julho de 1975, AGP, A.5, 0232-02-05, p. 4.

[← 141]

As Preces da Obra são orações breves, tiradas da liturgia. Os membros do Opus Dei rezam-nas diariamente.

[← 142]

Foi processado pelo Supremo Tribunal, mas quando o julgamento se ia realizar - no qual Mariano Navarro Rubio esperava provar a sua inocência - Franco decidiu indultá-lo, impedindo-lhe assim qualquer defesa da sua reputação. Para esclarecer os factos, ele escreveu, além das suas memórias, o livro: *El caso Matesa: (datos para la historia)*, Madrid, Dossat, 1979.

[← 143]

Testemunho de Silverio Palafox Marqués, 25 de julho de 1975, AGP, A.5, 0339-02-02, [p. 5].

[← 144]

Cf. González Gullón, *DYA*, pp. 95-96.

[← 145]

Depoimento de Ángel Santos Ruiz, setembro de 1975, AGP, A.5, 0245-02-15, p. 2.

[[← 146](#)]

Depoimento de Ángel Santos Ruiz, setembro de 1975, AGP, A.5, 0245-02-15, p. 5.

[← 147]

Depoimento de Ángel Santos Ruiz, setembro de 1975, AGP, A.5, 0245-02-15, p. 4.

[← 148]

Cf. «Anales de la Real Academia Nacional de Farmacia», 71 (2005), pp. 991-1040, em que a sua figura é lembrada como professor e mestre, cientista e investigador, académico, etc.

[← 149]

Depoimento de Carlos Verdú Moscardó, julho de 1975, AGP, A.5, 0251-03-10, p. 2.

Testemunho de Carlos Verdú Moscardó, julho de 1975, AGP, A.5, 0251-03-10, p. 3. O episódio é lembrado em vários escritos de S. Josemaria. O verso parece vir do poeta Antonio Machado. Cf. Alfonso Méndiz, "*Cada caminante siga su camino*". *Historia y significado de un lema poético en la vida del fundador del Opus Dei*, em "Cuadernos del Centro de Documentación y Estudios Josemaria Escrivá de Balaguer" 4 (2000), pp. 31-59, separata de "Anuario de Historia de la Iglesia" 9 (2000), pp. 741-769.

[← 151]

Ángel López-Amo (1917-1956) foi professor de Direito em várias universidades espanholas. Foi professor particular de Juan Carlos de Borbón, futuro rei de Espanha. Membro do Opus Dei desde o início da década de 1940, morreu num acidente de viação nos Estados Unidos em 1956. Cf. Ismael Sánchez Bella - Alfonso García Gallo - Gonzalo Fernández da Mora, *Ángel López-Amo y Marín, Historiador del Derecho y pensador político*, Pamplona, Publicaciones del Estudio General de Navarra, 1957.